**REUNIÃO DA CÂMARA TEMÁTICA DE MOTOCICLETAS**

**Data:** 18/6/2024

**Duração:** 2h09m

**Participantes:**

|  |
| --- |
| Ana Jacob — CET (Convidado)Ana Luísa Faria - Conselheiro CTMotoCelso Gonçalves BarbosaCibele CETDanilo Fernandes (df express) - Conselheiro CTMotoDawton Roberto Batista GaiaDécio Aparício — HS Moto-Fretes - Conselheiro CTMoto |
| Elielton - Conselheiro CTMotoEric Ferreira Vasconcelos - Conselheiro CTMotoFabia - Conselheiro CTMoto |
| Fabio SaraivaGringo presidente AMABR - Conselheiro CTMotoGustavo - Conselheiro CTMotoHS MotoFretes - Conselheiro CTMotoIlana Dr. José Montal ABRAMET - Conselheiro CTMotoJohnson DR CETLéa LopesLeni Express - Conselheiro CTMotoLuciene DR CETMarcão - Conselheiro CTMotoMarcelo Moraes CET |
| Mariana Santana Pereira SantosMarília Dias Correa Goldschmidt |
| Marina Faria TeixeiraMauro Rossi |
| Michele Perea CavinatoNathalia MarinhoPaulo Flores CET |
| Rafaela Moreira - Conselheiro CMTTNatalie Ratke Diacoumidis - Conselheiro CTMotoNathalia MarinhoOrlando Fernandes - Conselheiro CTMotoRafael Dubas - Conselheiro CTMotoRafael FIELXPRESS - Conselheiro CTMotoRenan Luiz - Conselheiro CTMoto |
| Renan Villarta - Conselheiro CMTTRoberto Peixoto Herrara - Conselheiro CTMotoSara Raquel Miranda de Araujo  |
| Sérgio AmaralVanessa Gac Leal Wagner - Conselheiro CTMoto Wagner Daniel - Conselheiro CTMotoWilson Yasuda ABRACICLO - Conselheiro CTMoto |
|  |

**Pauta:**

1. Programa "Motoboys do Brasil”;
2. Maio Amarelo — Pit Stop Educativo.

**Legenda:**

… →pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

**00:00:11 Dawton Roberto Batista Gaia:** Bom dia a todos, vou dar início a mais uma Câmera Temática de Motocicletas. Hoje, vamos ter duas pautas: o programa Motoboys do Brasil e o Maio Amarelo, o pit-stop educativo. Vou dar início de imediato e passar a palavra para o Mauro que vai apresentar, Mauro?

**00:00:43 Mauro Rossi:** Sim, sou eu.

**00:00:44 Dawton Roberto Batista Gaia:** Bom dia, Mauro, a palavra é sua.

**00:00:49 Mauro Rossi:** Bom dia a todos. É um prazer enorme estar aqui com vocês. Foi uma surpresa maravilhosa. A surpresa desde sempre, porque quando o tema veio para os motoboys foi surpresa o tempo todo e sempre surpresa surpreendente, porque a gente está lidando com pessoas, com fenômenos urbanos, com fatos também sociais, mas principalmente históricos. A gente tem que se lembrar que os motoboys podem ser considerados heróis na pandemia também. Foram grandes guerreiros e colaboraram com a sociedade para, no confinamento, a gente ter a estabilidade, a chegada de uma medicação, um alimento. Assim, foi surpresa, foram muitas surpresas, e surpresa boa também esse convite. Fiz um slidezinho para a gente poder navegar junto. Logo na sequência, vou explicar um pouco o projeto pelo slide, para a gente entender de forma mais intuitiva. Vou fechar esse slide para fazer um bate-papo com vocês e explicar de uma forma mais humana toda a experiência do projeto, os grandes pontos, as grandes conquistas e quais foram as grandes revelações que o projeto trouxe à tona ao longo dessa jornada. Só compartilhar … vê se vocês conseguem ver a tela, não consigo saber se está…

**00:02:48 Dawton Roberto Batista Gaia:** Ainda não entrou, Mauro …

**00:02:53 Gringo presidente AMABR:** Às vezes, tem que dar o OK e esperar um pouquinho que tem um delay …

**00:03:05 Orlando Fernandes:** Bom dia a todos.

**00:03:09 Dawton Roberto Batista Gaia:** Bom dia … enquanto o Mauro coloca, queria começar agradecendo à participação deles pelo trabalho que vêm fazendo e a oportunidade que nos dá de conhecermos esse trabalho que eles estão fazendo.

**00:03:28 Mauro Rossi:** Não sei se é porque não tenho uma permissão, alguma autorização, mas tento projetar e não projeta aqui para mim.

**00:03:40 Michele Perea Cavinato:** Mauro, está liberado, mas se você quiser me passar por WhatsApp, eu compartilho, o que for melhor para vocês.

**00:03:45 Mauro Rossi:** Se puder, vou te passar agora.

**00:03:47 Michele Perea Cavinato:** Pode passar.

**00:03:49 Mauro Rossi:** Só me dá um oi no WhatsApp novamente, você me dá? Já está aqui prontinho … pronto mandando para você, ver se chegou … conseguiu, Michele? Vai dar?

**00:04:38 Michele Perea Cavinato:** Consegui abrir, deixa eu compartilhar … certinho, Mauro?

**00:05:01 Mauro Rossi:** Perfeito. Vocês estão vendo tranquilo?

**00:05:07 Dawton Roberto Batista Gaia:** Sim. Perfeito.

**00:05:10 Mauro Rossi:** Essa é uma imagem que sintetiza a capa do livro, porque ela é quase a conquista máxima dos motoboys nas cidades, na grande metrópole. A partir de vários depoimentos deles, foram mais de 500 depoimentos capturados ao longo do Brasil. É na cidade de São Paulo que a gente conhece os corredores e a gente entende o fluxo que eles mesmos consideram como sanguíneos, que demarcam o espaço deles conquistados já nas cidades e o sonho e o desejo que se expandam para o Brasil. Se você puder passar mais uma tela. E, claro, estamos falando de motoboys. Esse projeto Motoboys do Brasil é um projeto que nasceu com um propósito verdadeiro, desde o primeiro momento. Porque não só a Barro de Chão, a produtora que desenvolveu o projeto na totalidade, mas principalmente a Mobil, que foi patrocinadora do projeto e fomentadora de ideias, de desejos e sonhos de aproximar desse público, de falar com esses personagens que fazem o movimento no dia a dia. Isso fez com que o projeto tomasse uma dimensão muito maior, porque não fizemos apenas uma investigação jornalística para entender qual era o papel dos motoboys, mas procuramos saber quem eram os motoboys de fato, quem são esses personagens invisíveis, quem está por trás dos capacetes, o que eles pensam. Se essa categoria também se desdobra similarmente em todas as regiões do Brasil, até mesmo em regiões mais inóspitas, como nos sertões, onde praticamente não tem asfalto, não tem sinalizações, será que existe motoboy? Será que existe uma linguagem semelhante para esse personagem em todo o Brasil? E assim a gente seguiu. Pode passar, Michele. Bom, o projeto, basicamente, é fundamentado em cinco pilares e isso é superimportante compartilhar com vocês. Fazer isso aparecer para a gente entender o projeto. Quando ele está na mesa, como um livro, quando ele está em uma exposição, como uma experiência interativa, ou quando ele é um audiovisual, como uma experiência expandida, até mesmo extremamente digital, porque hoje a gente chega nas pessoas de forma mais fácil, mais rápido. A gente precisa lembrar que por trás desse palco, por trás desse processo, a gente teve cinco pilares fundamentais que fez o projeto Motoboys do Brasil ter relevância que ele tem hoje. Histórica, porque ele é pioneiro no sentido de ser o primeiro projeto que abre essa porta, que destranca essa fechadura e que conta a história desses personagens para a memória cultural imaterial do Brasil. Mas, ao mesmo tempo, dá voz para esses personagens e traz várias percepções e vários olhares a partir de quem assiste esse documentário, a partir de quem vai a essa exposição. Bom, que bases foram essas? Uma coisa que foi superimportante para o projeto, e isso foi uma coisa extremamente alinhada em paralelo com a Mobil, o pessoal da Movi, é que a gente precisava fazer uma pesquisa extremamente sólida, profunda. Será que é possível identificar a origem dessa profissão? Será que a gente considera essa memória mais próxima e afetiva que a gente tem de 1980 para cá? Até 70 algumas pessoas já comentam um pouco como a referência da origem dos motoboys no Brasil. Essas foram perguntas que a gente foi a fundo responder. Nasceram várias coisas, porque o projeto em si começou a descobrir que o movimento de motoboys, não como categoria motoboys, mas o serviço da motocicleta, ele estava acontecendo já no final do século XIX, na virada do século XX. Foi exatamente ali, quando houve a Primeira Guerra Mundial, que isso ascendeu de uma forma proeminente. Por quê? Porque os motoboys ainda não eram chamados assim, mas nos campos de batalhas e nas articulações de campo, a gente não tinha tanta tecnologia naquela época. No velho mundo, é onde estavam acontecendo essas batalhas, esse personagem da motocicleta, e acredite, se vocês folhearem esse livro, vocês vão ficar impressionados, já existia até bag, uma bag muito parecida com a que a gente vê hoje nos personagens rodando nas cidades. Essas bags já existiam, só que elas não eram com alimento, elas não levavam medicação ainda desta forma, mas sim pombos-correios, iam para frente de batalha e geravam comunicação com os quartéis ou as bases militares. Após a guerra, esse fenômeno foi se desdobrando nas cidades, que de certa forma foi se modelando, deixando de usar os animais como meio de movimentação, e aí a chegada dos automóveis. No Brasil, obviamente, temos que nos lembrar de Alberto Santos Dumont, que foi o primeiro personagem a trazer um automóvel para o Brasil e que também foi o primeiro brasileiro a andar de motocicleta. Então, essa máquina passa a ganhar espaço nas cidades com docerias, com propagandas e isso foi ganhando propulsão e já na década de 20 a gente conseguiu fazer uma decupagem extremamente forte desse personagem, não no Brasil, mas ele já existia esse personagem a serviço da motocicleta na Europa. Bom, da pesquisa a gente construiu um acervo incomensurável porque ele extrapolou o mero conhecimento de acervos internacionais que já eram fundamentais. Nós conseguimos entrar também nos acervos públicos brasileiros, com autorização da Biblioteca Nacional do Brasil, com apoio da Biblioteca do Itamaraty e tantos outros órgãos de estados brasileiros que também abriram projetos. Feito esse banco de imagem, era inevitável a gente construir uma experiência que acho que mais para frente a Mobil pode falar para completar um pouco essa minha fala. O projeto de pesquisa transbordou. A gente entendeu que precisava contar essa história de uma forma sólida através de um livro, que viria trazer essa experiência mais aprofundada para aquelas pessoas que precisam ter esse firmamento, que precisam ter essa navegação de história contada e relatada. Mas que também fosse um livro gostoso, interativo, e que cada página que você abrisse pudesse saborear uma história ou começar a partir dela. Não é um livro com uma estratégia de comunicação literária, e sim janelas de comunicação para a gente fazer o leitor, os interessados, os profissionais, até mesmo os motoboys, em uma abertura de página, começar a descobrir curiosidades para falar sobre a história e a profissão. A gente sabe que quando trabalhamos com livros a gente mexe inevitavelmente com pessoas e mexer com pessoas a gente precisa pensar em exposição. Exposição de fala, exposição de entregas, exposições de se aproximar do grande público, porque, no final das contas, o livro pode ser um objeto antiquado, no sentido de algo antigo, porque ele ficou estacionado. Ou, ele pode ter a força da motocicleta, a mobilidade da bicicleta de duas rodas e navegar por meio das pessoas, dos curiosos. Mas, para isso, a gente precisava estimular. Foi aí que deu a ideia da exposição. Da exposição veio o documentário. E do documentário…

**00:14:35 Gringo presidente AMABR:** Pessoal, quem não estiver usando o microfone, desliga ele para não atrapalhar a apresentação, por favor.

**00:14:43 Mauro Rossi:** Da exposição em uma exposição itinerante que ela transbordaria São Paulo já navegando por regiões brasileiras. Pronto, Michele, pode passar. O trabalho de pesquisa também alimentou esse audiovisual, que formou um média-metragem de 35 a 40 minutos, que está disponível gratuito. Queria contar para vocês um pouco como foi essa experiência. Porque a pergunta é, será que os motoboys estavam abertos para poder dialogar com a gente? Será que eles foram receptíveis e eles entenderam a razão e a base desse projeto? Gente, queria compartilhar com vocês que a gente, depois de entrevistar aproximadamente 580 pessoas, isso foi marcante. Por quê? Porque a gente fez um contato físico e audiovisual e a gente conseguiu conversar e todos abraçaram a causa desse projeto, seja no Norte, seja no Centro-Oeste, no Nordeste, seja no Sul e no Sudeste. Foi uma coisa impressionante entender o quanto esse personagem já estava lá, assim, muito, muito, muito interessado, muito a fim de conversar, de dialogar, de contar sua história, precisando realmente se apresentar para o Brasil. Michele, pode passar. Queria compartilhar com vocês que, como falei, é o lançamento de um livro, um livro inédito. Esse livro teve a estreia de lançamento mesmo nacional no Autódromo de Interlagos, com o apoio e patrocínio da Mobil. Quando eu digo patrocínio, todo mundo entende o apoio no sentido de que não só foi realizado o projeto, como a Mobil incorporou isso dentro de ações do cotidiano, do marketing, das operações. Isso ajudou muito a gente conseguir fazer a apresentação, mas, principalmente, mostrar para o Brasil o tamanho da repercussão que esses personagens têm para a nossa sociedade. Pode passar, Michele. Bom, ao final dessa reunião, a gente pode compartilhar com vocês um documentário que deixo aqui um desafio para vocês. Acho que muita gente conhece, ou conhece pouco, ou conhece alguma coisa, ou tem conceitos pré-definidos sobre a história dos motoboys. Tive já pelo menos uns 30 relatos de pessoas diferentes que já tinham certo conhecimento e até mesmo motoboys já me falaram sobre isso. Quando eles assistiram esse documentário, super gostoso de assistir, rápido, vai direto ao ponto, relatado por eles, nos fazem navegar em uma história que com certeza você entra por uma porta com um olhar e sai da porta com vários olhares. O documentário está acessível para todo o Brasil e para vocês no canal do YouTube. Vamos passar, Michele? O lançamento em Interlagos já falei um pouco, a Móbil deve tocar um pouco nesse assunto. Foi um sucesso porque precisava a gente aproximar o projeto, os motoboys apaixonados por motocicletas, para o maior movimento, o maior espetáculo, o maior momento, o maior encontro de eventos de motocicletas do planeta. Foi uma experiência muito importante, foi um marco para esse produto. A gente saiu de lá com a força e uma certeza de que a gente estava pronto para começar a dividir com todos vocês, com o Brasil, com as pessoas, adolescentes, crianças, inspirar pessoas, que essas histórias realmente faziam parte do nosso Brasil e que a gente deveria ter orgulho. Vamos lá, Michele Quando a gente fala de orgulho, a gente tem que lembrar que os motoboys são seres humanos e seres humanos são complexos. Essa complexidade dos motoboys tem a ver também com a localidade, o ponto de origem, onde eles vivem. Não estamos falando de pobreza nem de riqueza, mas estamos falando de comunidade, de senso de pertencimento. Estamos falando de referência social e cultural. Não foi uma coisa construída, não foi uma coisa que construímos como objetivo de alcançar um êxito, não. Isso veio de forma orgânica. A Barro de Chão e a Mobil entenderam que a gente precisava dividir isso com a sociedade, mas que precisava também tornar isso acessível e democrático. Então, fomos convidados pelo G10 Favelas, uma organização sem fins lucrativos que está fazendo um trabalho incrível em Paraisópolis, como o primeiro polo de referência de lançamento democrático para o Brasil. Foi incrível. A exposição está lá hoje, quem tiver interesse, o local tem segurança, tem acessibilidade, estacionamento, tem monitoria e está aberto para receber todas as pessoas interessadas. Mas eu vou mostrar um pouquinho para vocês no próximo slide o que aconteceu lá. Bom, levamos 22 histórias inéditas. Pense aí, gente, 580 entrevistas. Quanto deu isso de material para a Banco de Imagem? Mas imagine reduzir isso, porque a gente precisava contar a história e não dava para parar ninguém para contar a história de 580 pessoas. Como você reduz isso de uma forma que seja inteligível? Como a gente reduz isso para que seja inspiracional e, ao mesmo tempo que as pessoas consigam compreender essa diversidade de personagens que fazem essa profissão uma profissão única. Esse lançamento foi preparado agora no dia 13 e teve a distribuição inclusive de livros com acessibilidade gratuita. Pode passar, Michele. Tivemos um público superinteressante lá, porque muitas vezes, principalmente quando a gente constrói ações de comunicação, de marketing, a gente pensa que essas comunicações, estou falando disso de todos os setores, daqui da Barro de Chão, com certeza da móvel, mas com certeza de vocês é um ponto superimportante. Existiam muitos motoboys. Mas existiam mães de motoboys, filhos de motoboys, vamos dizer, motoboys recém-formados. Pessoas que têm, vamos dizer assim, admiração pela profissão e ficam interessadas em conhecer mais sobre a história. O que vale dizer é o seguinte, surpreendeu, sim, surpreendeu muito. Por quê? A gente está falando de pessoas que estão fazendo o funcionamento e a mobilidade das cidades. Essa mobilidade hoje faz parte também, não só do próprio movimento, mas do funcionamento. E isso passa a ser um ponto crucial para a gente entender que esses personagens para as comunidades e quem sabe até para muitos de vocês também podem ser considerados heróis anônimos. Heróis que a gente nunca parou para entender qual o papel deles e como eles são importantes para a gente. Pode passar, Michele. Bom, gente, o projeto vai navegar e agora o que vale dizer é que nós já levantamos a vela e que o projeto bom, o projeto vigoroso e saudável é aquele que vai sendo levado pelo vento, pelo desejo sociocultural e econômico das regiões. Foi surpreendente porque recebemos um convite, estaremos agora como segundo passo do lançamento do livro em Ilhéus, na Bahia, para dividir com uma cidade extremamente histórica. É uma cidade marcada pelas histórias de Jorge Amado, mas também por agricultura, pequenos agricultores, economia local, onde a motocicleta e a mobilidade urbana são revolução. Ou seja, pouco tem carro, tem carro, mas pouco, você vai ver cavalo, burros e animais. Mas, com certeza, você vai ver um fluxo de motocicleta que pouco se vê no Brasil. Recebemos, então, a barro de chão e a móvel, um convite do secretário de cultura, que tomou conhecimento do projeto, que conheceu a história de 4 motoboys que participaram desse documentário. A gente, então, está indo para um dos espaços mais antigos do Brasil, que é o Teatro de Ilhéus, hoje a Casa de Cultura, fazer a exposição, essa entrega, e receber uma homenagem de forma incondicional, imaterial, pela produção do projeto pela Câmara Municipal de Ilhéus. A partir dali, muitas coisas para acontecer. Acho que acaba, não é, Michele, o nosso slide? Pronto, aí a gente pode voltar. Agora queria conversar com vocês, antes de passar a voz, algumas experiências que foram fundamentais. Eram muitas dúvidas e muito esforço para a gente poder identificar essa história e esses movimentos e esses personagens. E quando a gente foi começando a entrar no processo, a gente tentou entender um pouco o lado deles. Por quê? Vou te dizer que dirijo em São Paulo e sempre tive aquele preconceito. Tipo, poxa, esse pessoal buzina, chuta o retrovisor, passa pelos corredores. Isso é um fenômeno que nos convida a fazer o primeiro olhar sobre essa categoria. Mas será que essa manifestação deveria ser a pauta do nosso olhar para esse projeto? Ou será que a gente deveria estar aberto para talvez olhar aquilo que pouca gente olhou? Ou será aquilo que estava ali, mas que, pelo fato de a gente só olhar os movimentos e olhar de uma forma superficial, a gente deixa de entender o contexto como um todo. Foi muito marcante para mim, porque realmente veio muitas perguntas. O motoboy tem pressa, ok. Mas, ele tem pressa ou ele é o fruto da pressa? Somos nós que pautamos essa pressa? Nós, sociedade, que pautamos aplicativos, necessidades urgentes, a necessidade de sobrevivência, de atender, de fazer o ganha-pão dele, que cria esses movimentos? Será que as cidades estão preparadas para cada vez mais consolidar esse espaço para essa profissão? Será que estamos prontos para entender que toda essa manifestação que aconteceu da década de 80, a década de 90, 2000 e agora nessa nova etapa que estamos, estamos prontos para acolher essa profissão e não partir de um pressuposto, uma visão preliminar concebida com conceitos estabelecidos, mas, entender as máximas dessa profissão, a importância que ela tem, a participação econômica de forma inevitável e jamais retornada ao estado de origem. Vieram muitas perguntas, chegamos à conclusão de que o projeto tomou tamanho de grandiosidade porque ele conseguiu entender que o motoboy é movimento. O motoboy é um serviço essencial para a sociedade, ele precisa ser entendido de uma forma pelos meios tradicionais. Claro, porque temos leis, precisamos enquadrar essas leis, precisamos estabelecer esses espaços, precisamos criar as legislações, mas também precisamos fazer essa fusão do comportamento da profissão humana que envolve o personagem motoboys. Eles têm consciência do papel deles e precisam que cada vez mais a gente consiga se comunicar. Dar voz para que eles também tragam melhorias, soluções, conceitos que sejam aplicáveis dentro de leis, tragam também, de certa forma, para nós cidadãos, uma mínima noção, quando recebemos as mercadorias, que devemos respeitá-los, porque são profissionais, são seres humanos que estão ali. Bom dia, boa tarde, boa noite, muito obrigado. Isso é uma coisa que às vezes é tão simples que falta na sociedade. A história dos motoboys do Brasil está aí, gente. É disponível, acessível. Tenho certeza de que vocês vão receber alguns exemplares, se já não tem, para aprofundar um pouco sobre isso. Conhecer as histórias mais incríveis que você possa imaginar de personagens que consideram que a motocicleta e o trabalho do motoboy têm a ver com a relação da causa social, da causa animal, da causa cultural, da causa econômica, da transformação. Do indivíduo que parte de toda a sua formação para que não parta para o caminho errado. As comunidades aclamam isso demais. É preciso criar soluções, novas profissões, novas oportunidades para a gente ter no futuro jovens fomentadores de economia e de sociabilização. Então, é isso, gente. Queria trazer um pouco disso para vocês.

**00:31:29 Dawton Roberto Batista Gaia:** Muito obrigado, Mauro. É impressionante como esse trabalho conseguiu retratar essa realidade. Assisti ao documentário inteiro, está maravilhoso, realmente está maravilhoso. Recomendo a todos que têm a oportunidade de assistir ao documentário, porque realmente ele está muito bom. Vou abrir aqui a palavra, acho que o Renan está com a mão levantada, não é Renan?

**00:31:57 Renan Villarta:** Ah, é porque esse tema me inflama um pouco. Acho que, do ponto de vista técnico, a gente sabe que uma moto consome muito menos espaço viário do que um carro. Só por esse único exclusivo motivo já faria muito mais sentido a gente pegar e promover esse modo de transporte. Esse é o primeiro ponto. Mas o ponto que o Mauro colocou, o meu, de onde saio para esse lugar e como enxergo, talvez, não só a profissão, mas quem anda de moto, não sei se é tanto acolhimento, mas é mais uma questão de reconhecimento das pessoas que usam moto. Porque fico muito irritado quando a gente trata outros cidadãos dessa cidade como pessoas que a gente precisa cuidar e ensinar, ao invés de ser pessoas que a gente precisa reconhecer e dar os direitos. É isso que me deixa doido. A faixa azul não é, por exemplo, uma conquista de um urbanista inteligente que resolveu colocá-la lá, é a conquista desses caras que ficam pedindo esse direito todos os dias, passando naquela via, buzinando para todo mundo. Então, me deixa revoltado que essas pessoas são tratadas como menos que o resto da população e elas não têm uma faixa para elas. Não é uma só faixa, porque agora vem o grande desafio, porque as faixas azuis nada mais legalizaram o que eles já tinham antes. Agora, quero vê-los colocarem faixa azul onde vai ter que tirar faixa de carro. É isso que quero ver acontecer. Não sei, precisava colocar isso para fora. Escutando a fala do Mauro, acho que falta reconhecimento por parte das autoridades. Não tem que olhar para essas pessoas como, discordo um pouquinho do Mauro, como heróis. As pessoas não deveriam ser heróis, elas deveriam ser pessoas, cidadãos, com direitos e tudo mais. Elas não deveriam ter que necessariamente se sacrificar pelo bem da cidade. O Mauro foi falando, foi falando, vem essas coisas, fico muito inflamado, precisava colocar para fora. Mas acho que é essa mudança de paradigma de como a gente pensa em política pública, em cidadãos com realmente direitos e não como guerreiros que têm que dar o melhor de si todos os dias, superar todas as dificuldades que a gente como cidade põe para eles. É isso que mais me deixa doido. É essa a minha contribuição.

**00:34:33 Dawton Roberto Batista Gaia:** Vou pedir para todos se manifestarem primeiro, Mauro, depois, se você quiser responder. Passa para o Montal. Bom dia, Montal.

**00:34:47 Jmontal:** Bom dia, Dawton. Parabéns, Mauro. Infelizmente, não pude ouvir o início da sua conversa e não tinha conhecimento do seu trabalho. Eu acho fantástico. Mais ou menos, eu sou médico do tráfego. Me alegra muito o fato de você ter visto que o ser humano, que o motoboy é um ser humano. Talvez essa nossa cultura da pressa, este clima que vivemos, pessoal, tenha apagado a nossa percepção que esse ser humano que se tornou indispensável para a sociedade, tenha apagado. A gente não percebe mais ele.

**00:35:38 Dawton Roberto Batista Gaia:** Montal, a sua fala está desaparecendo, está sem áudio, viu? Não sei se todos estão…

**00:35:46 Jmontal:** Alô?

**00:35:47 Dawton Roberto Batista Gaia:** Voltou.

**00:35:48 Jmontal:** Alô, alô, alô?

**00:35:49 Dawton Roberto Batista Gaia:** Agora voltou.

**00:35:50 Jmontal:** Melhorou?

**00:35:51 Dawton Roberto Batista Gaia:** Melhorou muito. Pode voltar.

**00:35:56 Jmontal:** Estão me ouvindo?

**00:35:57 Dawton Roberto Batista Gaia:** Estou ouvindo bem.

**00:36:00 Jmontal:** Era esse sentido mesmo, Mauro. Gostaria muito de saber, como membro da Associação Brasileira de Medicina de Tráfego, como a gente tem acesso ao trabalho que você fez? A gente gostaria muito de reproduzir entre nossos associados, os médicos do tráfego e a população em geral, essa fotografia que você fez desse grande problema sociológico moderno, que a sociedade fez, apagando uma profissão que se tornou absolutamente indispensável. Tão indispensável que a gente a incorporou de uma maneira invisível ao nosso dia a dia. Então, parabéns mais uma vez e não pare, tem mais coisa para ser feita. Tem que colocar esse personagem, como você falou, na ordem do dia, para as pessoas perceberem que são seres humanos e que precisam ser tratados dignamente. Muito obrigado.

**00:37:01 Dawton Roberto Batista Gaia:** Acho que Marília colocou o link do vídeo no chat para quem quiser baixar, está aí o link.

**00:37:13 Michele Perea Cavinato:** Dawton, também encaminhei junto com um convite.

**00:37:17 Dawton Roberto Batista Gaia:** Ah, legal.

**00:37:17 Jmontal:** Estou vendo que está aqui também. Muito obrigado, Michele. Eficiência é Michelle.

**00:37:24 Michele Perea Cavinato:** Doutor Montal, também passo para o senhor depois o e-mail do Mauro, da Marina, de todo o grupo.

**00:37:32 Jmontal:** Exato. Inclusive, não ouvi, Michele, o início da história do Mauro. O Mauro representa que instituição, no caso.

**00:37:43 Michele Perea Cavinato:** O Mauro é da agência que desenvolveu todo o trabalho, que fez a pesquisa. Mauro, se puder fazer uma apresentação rapidinha.

**00:37:53 Mauro Rossi:** Joia, eu represento a Barro de Chão, que é uma produtora brasileira. Ela está sediada em São Paulo. Ela é parceira da Mobil. Já há alguns anos desenvolve alguns projetos. E eu estou, assim, com orgulho, porque quando fundamos a Barro de Chão, esse nome Barro de Chão, a gente pensou muito em essência em 2009, mas se consolidou em 2013, porque a gente queria contar histórias de personagens brasileiros, de personagens muito pouco desenvolvidos ou trabalhados, entendeu? Então, estamos no campo. É um prazer enorme ouvir seu comentário e poder compartilhar um pouco do nosso trabalho e conhecimento, seja por meio do link ou depois tentar, por meio de Michele, o seu endereço para tentar fazer chegar um livro. Está joia?

**00:38:49 Jmontal:** Que maravilha o barro de chão. Estou lembrando do poeta Gil na sua música debaixo do barro do chão, essas coisas que brotam daí realmente vêm para ficar, não é, Mauro? Parabéns.

**00:39:03 Jmontal:** Muito obrigado …

**00:39:19 Marília Dias Correa Goldschmidt:** Michele, não sei como a gente está de tempo. Eu tenho, enfim, acho que muito … bom, primeiro me apresentar. Eu sou a Marília. Trabalho na Moove com a Marina e com a Natalie que estão aqui nessa reunião também, então acho que primeiro agradecer a vocês pelo convite. A Moove é a empresa que produz e distribui os lubrificantes móveis, que já é um parceiro desse público de motoboys há muitos anos. A gente foi a primeira marca a lançar um lubrificante dedicado para motocicletas enquanto todo mundo usava lubrificante para carro na moto. Entendemos que era uma realidade muito diferente, então a gente tem esse olhar para esse público já há muitos anos. Me pegou muito, acho que tem uma fala do Mauro muito importante, quando ele fala ali do motoboy, a gente fala motoboy está sempre com pressa, ou ele é fruto da pressa dessa nossa sociedade, dessa nossa economia, e ouvindo o Renan ali também, falando dos direitos, de tudo isso. O nosso grande objetivo é um reconhecimento da importância dessa profissão para todos nós e para fazer mover uma cidade como São Paulo. Mas também, como o Mauro bem colocou, realidades muito diferentes que a gente encontra ali no sertão do Nordeste, que é super dependente também do trabalho do motoboy, de uma maneira diferente, mas com o mesmo objetivo. Acho que é o nosso segundo projeto com o Mauro. Ninguém melhor do que ele para retratar profissões que são extremamente importantes para a nossa sociedade. Nosso primeiro projeto com ele foi com mecânicos, também um projeto muito bacana. Agora esse projeto dos Motoboys, que a gente tem o maior orgulho de apoiar e de ser um incentivador desse projeto. Um último ponto, só também eu sei que a próxima pauta é Maio Amarelo, trazendo a importância desse profissional e a gente também tem uma iniciativa de desmistificar um pouco também essa questão da buzina ali, da moto nos corredores. E a gente também fez um documentário, um material, onde a gente mostra quantas vezes o motoboy precisa buzinar ao longo do dia para mostrar que está passando. Vou compartilhar aqui também, mas acho que é outro exemplo importante de como a gente, enquanto sociedade civil, empresas, a gente também tem esse papel de desmistificar alguns temas que são muitas vezes pré-julgadas. Ah, o motoboy buzina toda hora, que saco, né? Então, às vezes a gente, quanto motorista de carro, se incomoda, mas a partir do momento que você olha o porquê, a gente tem um olhar totalmente diferente sobre essa realidade. Então, acho que vale a pena compartilhar com vocês também essa ação que a gente chamou de som da vida, porque é anunciando realmente que uma vida está passando. Coloco o link aqui também, se puder, Michele.

**00:42:37 Wilson Yasuda:** Queria só colocar um assunto rapidamente. Como aconteceu essa apresentação de hoje? A gente precisa entender que a gente não tinha nenhuma informação em relação a esse trabalho que vocês estão fazendo, um trabalho muito importante e extremamente válido para que vocês possam demonstrar a importância que nós temos aí no segmento profissional. Eu estava olhando o meu Facebook e vi lá uma situação que vocês colocaram esse documentário. Assisti o documentário, achei extremamente interessante. Fui conversar com um amigo da Mobil, depois fui conversar com a Marina, depois fui conversar com outras pessoas e começaram a me explicar como era a situação. Achei isso muito importante para essa Câmara Temática, que a gente pudesse trazer esse trabalho. Esse grande trabalho que vocês estão fazendo no segmento profissional. Conversei com a Michele. Depois eu e a Michelle começamos a articular essa pauta para essa reunião. Porque é uma pauta extremamente importante, a gente tem cuidado quando a gente faz uma pauta em relação a essa câmara temática, porque, no fundo, tem muitos especialistas e tudo mais. A gente acha que trazendo esse tipo de pauta vai enriquecer o nosso trabalho, conhecimento e tudo mais. Fico muito feliz de todos terem colaborado, a Mobil, o Barro de Chão, o Mauro, que explicou muito bem o trabalho que eles fizeram de pesquisa e tudo mais desse segmento. Também acho que precisamos continuar esse tipo de trabalho, porque, na verdade, na cidade de São Paulo, a gente tem 1 milhão e 500 mil motocicletas em circulação todos os dias. Dentre eles, a gente tem uns 25%, mais ou menos, de entregadores. A grande maioria desses usuários são motociclistas que vão usar a motocicleta como transporte, para ir trabalhar, para usar, outras atividades. A gente tem muita preocupação, a gente fala muito em relação ao usuário profissional, mas ele não é a sua totalidade, ele só é em termos de 25%. A gente acha que é muito grande, que tem todo mundo, mas se você olhar na parte da manhã, na parte da tarde, a gente tem um número extremamente grande de usuários de motocicletas que compraram para fazer o seu transporte, porque, no fundo, tem necessidade em função de transporte público e tudo mais. É importante também vocês olharem por seu outro lado, do usuário da moto. Já que vocês falam de moto, por exemplo, a gente entende que existe uma necessidade grande de termos programas que possam ajudar o motociclista. Dentre eles está o motociclista profissional que faz o trabalho, que faz a entrega, como você falou, quando teve a pandemia, a gente usou muito motociclista e tudo mais, mas a gente tem também a preocupação com o usuário de motos. É só isso que queria falar. Na minha apresentação que vou fazer depois, vou mostrar para você que tipo de trabalho estamos fazendo, para esse outro lado, porque a gente tem muita experiência nesse trabalho. Queria compartilhar com vocês também do nosso trabalho, das nossas parcerias que realizamos, esse trabalho que, na verdade, queremos mostrar para vocês também como é esse trabalho, que dentro desse trabalho está inserido também o motociclista profissional. Uma coisa que achava importante é que vocês fizessem um lançamento nacional desse seu trabalho. Como a gente vai saber o que está acontecendo? Eu, por uma situação de estar lendo uma rede social, vi esse trabalho. Achei interessante, fui passando, fui passando, e a gente conseguiu trazer vocês aqui. Por que não fazemos um evento de lançamento desse trabalho que vocês estão fazendo, para que vocês possam ser valorizados nesses trabalhos? Porque se a gente ficar conversando aqui, entre nós, na rede social, isso não vai para frente. A gente acha que é extremamente importante que vocês pensem um pouquinho melhor, tem especialistas em marketing da Móbil e tal, do Barro de Chão, que possam, a gente possa ajudar a divulgar melhor esse trabalho de vocês. Ok? É isso. Obrigado.

**00:47:48 Jmontal:** Apoiado Yasuda. É necessário mesmo, Mauro, Marília, o povo precisa tomar conhecimento disso. É uma necessidade social resgatar o ser humano que está por trás dessa …

**00:48:04 Marília Dias Correa Goldschmidt:** Com certeza, estamos nesse exercício. Começamos agora no festival fazendo o lançamento, mas vamos seguir esse semestre todo fazendo a divulgação desse projeto e contamos com a ajuda de vocês também.

**00:48:18 Dawton Roberto Batista Gaia:** Alinhar esse pensamento, alinhar todos os pensamentos, porque realmente andar nessa direção da segurança, que é isso que a gente está buscando, a segurança é muito importante.

**00:48:31 Wilson Yasuda:** Viu, Marília, só para lembrar vocês que estávamos também lá no festival e não ficamos sabendo de nada do que está acontecendo. O que tem necessidade de melhorar a situação da comunicação? Vocês acharam que foi bom lá e tudo mais, mas nós que estávamos lá, a gente não viu nada. Só vimos no stand de vocês e mais nada. Ninguém falou nada. O que acontece? É preciso ter uma situação de comunicação com o organizador da feira. Se vocês tivessem falado conosco, a gente poderia melhorar a situação também. A gente quer ajudar. Eu achei, eu e a Michelle, um tema extremamente importante para que vocês pudessem vir e mostrar esse grande trabalho de vocês.

**00:49:28 Jmontal:** Tem que sair debaixo do barro do chão, tem que vir à tona com toda força essa proposta de comunicação e essa informação.

**00:49:38 Marília Dias Correa Goldschmidt:** A gente está organizando um bate-papo com jornalistas, provavelmente vai acontecer na semana que vem. Vamos convidar vocês também para estarem presentes e participarem, para a gente conseguir ajudar ainda mais a divulgação.

**00:50:01 Jmontal:** Fazer uma ligeira observação, Marina. Nós, médicos do tráfego, a saúde pública, em geral, do motociclista como algo absolutamente prioritário. Para você ter uma ideia, o início de trânsito dentro de algumas faixas etárias, e geralmente as mais jovens, é a primeira causa de morte, entre todas as causas de morte. Se você resgatar esse papel, essa informação fundamental de que ali tem um ser humano e que esse ser humano está sofrendo para servir a gente, morrendo, ficando inválido, incapacitado. Isso tem uma importância fundamental. A gente da Bramete se coloca à disposição de vocês para tentar ajudar nessa divulgação que, como disse o Yasuda, é absolutamente fundamental. É interessante isso que o Yasuda falou, porque nós que lidamos com isso no dia a dia não tínhamos conhecimento ainda dessa proposta de vocês, desse trabalho de vocês. É algo realmente que precisava de um impulso aqui, de ser catapultado, viu Mauro? Para que todos possam se aproveitar desse trabalho magnífico que vocês fizeram, estão fazendo e vão fazer.

**00:51:26 Dawton Roberto Batista Gaia:** Romper barreiras, porque 23% das mortes de trânsito na região das Américas são de motociclistas, só para ter uma ideia, dos óbitos. Realmente é importante extrapolar. Provavelmente todo esse trabalho que está sendo feito aqui no Brasil das faixas azuis, provavelmente isso deve sair também daqui a pouco fora do Brasil, com toda certeza. Já está indo para outras capitais, outras cidades aqui em São Paulo, mas isso realmente vai se estender. É uma solução que temos nesse momento. A gente tem 70% dos leitos de emergência ocupados por vítimas de sinistros com motocicleta. Talvez a faixa azul já possa ter mudado essa realidade. Acho que o trabalho de vocês vai ajudar muito mais ainda nesse sentido. Acho que… quem está com a mão levantada?

**00:52:30 Michele Perea Cavinato:** O Orlando.

**00:52:32 Dawton Roberto Batista Gaia:** Orlando? Por favor, Orlando.

**00:52:36 Orlando Fernandes:** Bom dia a todos. Vou passar uma visão para você, até porque já tenho 27 anos na profissão como motoboy. O que vejo hoje é o que precisa mais estar em cima da valorização sobre o serviço de motoboy. Por que com o motoboy acontece muito acidente hoje? Porque, infelizmente, não temos o faturamento necessário para a gente poder levar para casa, onde vou atender, por exemplo, a Marina e quero atender o Dawton no mesmo momento. Por quê? Se eu atender só a Marina, não vou conseguir fazer um dinheiro suficiente para levar para minha casa. Mas o Dawton também é um cliente meu, aonde eu tenho que pegar os dois serviços e conciliar os dois e não atrasar nenhum dos dois para poder estar executando esse serviço, para estar feliz com o dinheiro que vou ganhar e deixar meus dois clientes felizes. O que acontece? Tenho que fazer os dois serviços e, nisso, o que acontece? O motoboy acelera forte. É onde ele vai acelerar, onde pode ocorrer, sim, um acidente de vítima fatal, mas não é imprudência do motoboy, é porque ele quer agilizar o serviço do cliente. Ele quer resolver o problema do cliente e ele também quer levar o dinheirinho dele para casa. O importante hoje é sobre a remuneração. A gente não tem remuneração suficiente para a gente trabalhar tranquilo. É onde a gente acelera mais um pouco. Acaba pegando mais serviços de clientes diferentes, aonde o acidente com certeza ele vai vir, ele vai chegar. Pode ser faixa azul, pode ser tudo que for, o cara está acelerando, não tem jeito. Esses motoboys, por exemplo, que a gente já tem muito tempo de profissão, a gente só consegue ganhar dinheiro dessa forma, se for dessa maneira. A prioridade de hoje, para mim, no meu pensamento, é a valorização e a legalização de todos os motofretistas que tem em São Paulo, pelo menos em São Paulo, não sei se é no Brasil que for. A valorização da gente é isso. O que a gente está correndo atrás é a valorização e regularização, temos que regularizar todos para isso acabar. Porque, infelizmente, com a vinda de aplicativos novos no mercado e motoboy novos. Hoje saindo de 18 anos pegando sua primeira moto, ele tem a mãe em casa, o pai em casa, se ele ganhar 100, se ele ganhar 50, se ele ganhar 20, para ele está tudo certo, não vai mudar a vida dele. Ele tem quem dá de comida na casa dele, o pai, a mãe. Para nós que somos mais velhos e temos família em casa para sustentar, é onde a gente acaba fazendo essa loucura. Eu tenho 27 anos. Se eu falar para você quantos acidentes eu tenho, acho que eu não sei te dizer. Mas graças a Deus, Deus me deu vida até hoje para permanecer nessa terra. Sei que a minha missão ainda não foi cumprida. Mas sobre acidente, só Deus na causa. Eu tenho muitos acidentes, gente. Eu só falo assim para vocês. O negócio é valorização e legalização. Legalização. Legalizou, todo mundo igual, não tem o mais bonito, o mais feio, somos todos iguais para todo mundo e acabou. É isso que a gente precisa. Muito obrigado, gente.

**00:55:50 Dawton Roberto Batista Gaia:** Vou devolver a palavra para a Marília. Ela não conseguiu concluir a apresentação dela, Marília. Depois a gente volta para as perguntas. Marília.

**00:56:03 Marília Dias Correa Goldschmidt:** Não, Dawton, acho que não sei se me cortou ou caiu alguma coisa, mas era exatamente esse ponto da gente reforçar ali. Acho que muito o que o Mauro tinha falado, o Renan tinha falado, e agora ouvindo o Orlando, da gente mostrar realmente a relevância desse profissional e desse serviço. Mas a gente segue com o plano de comunicar nacionalmente o livro, com a Barro de Chão, com os jornalistas e todas as entidades que representam o setor. Estamos super aberto a ideias, indicações de como a gente melhora o nosso plano que a gente acabou de começar. Faz uma semana que a gente começou esse projeto de divulgação e a gente vai trabalhar ao longo desses próximos seis meses.

**00:56:54 Dawton Roberto Batista Gaia:** Pode contar aqui com a nossa câmera temática.

**00:56:57 Marília Dias Correa Goldschmidt:** Ótimo.

**00:56:58 Dawton Roberto Batista Gaia:** Graças ao Yasuda que trouxe a pauta para a gente demonstrar e apresentar aqui. Pode contar 100% conosco para a gente poder fazer esse trabalho de divulgação conjunto.

**00:57:13 Marília Dias Correa Goldschmidt:** Muito obrigada, Dawton.

**00:57:15 Dawton Roberto Batista Gaia:** Queria parabenizar a Mobil pelo investimento, por esse trabalho. Porque se não fosse a Mobil, talvez não tivesse esse tipo de trabalho. Queria parabenizar a Mobil, que foi, na verdade, tive mais de 50 anos junto com a Móbil, trabalhando em vários projetos. Acho que é a primeira vez que existe um trabalho institucional de um segmento, que é o motofretista. Parabéns à Mobil, para a Marina, seus diretores, por esse trabalho muito, muito, muito importante que deve, acho que vai, em alguma maneira, ajudar muito, principalmente os amigos do Gringo, que são os motofretistas e tudo mais. Acho que é extremamente importante. Obrigado.

**00:58:12 Dawton Roberto Batista Gaia:** Apareceu aqui HS Motos.

**00:58:22 Décio Aparício — HS Moto-Fretes:** Olá, bom dia.

**00:58:23 Dawton Roberto Batista Gaia:** Bom dia.

**00:58:26 Décio Aparício — HS Moto-Fretes:** Queria só falar em cima do que o Orlando falou, é a minha realidade todos os dias. Referente ao que ele disse, que a gente só consegue ganhar dinheiro dessa forma, eu vivo isso todos os dias. Todos os dias eu atendo dois clientes, onde eu faço duas retiras na mesma empresa, lá em Osasco, na beira da Anhanguera, em Osasco. Atendo dois clientes, esses dois clientes, tenho que chegar até duas horas todos os dias. Entendeu? Na casa de um, que é no Parque do Chaves, e na casa do outro, que é no Maia, em Guarulhos. Perto do Shopping Maia, em Guarulhos. Tenho que ir lá, retirar para os dois clientes e chegar até duas horas. Fica assim, tem dia que fica meio difícil e eu tenho que acelerar mais da conta para atender os dois clientes, não atrasar com um nem com o outro. Nessa quinta-feira, eu acelerando na marginal, quando fui sair da via expressa, que era a última saída para pegar a pista do meio, um caminhão tampou minha visão. Quando saí para pegar a pista do meio, peguei uma guia, caí no meio da marginal. Quinta-feira, agora, caí no meio da marginal. O caminhoneiro me socorreu lá. Não fui para o hospital até hoje, desde quinta-feira. Estou com a perna doendo. Estou trabalhando assim. É o único jeito no momento, porque se vocês me falarem: corta um cliente lá que você vem mais tranquilo. Mas vou cortar R$ 1.500 do meu orçamento mensal. É assim, vejo que os órgãos públicos deveriam olhar para a gente com … olhar a minha profissão, valorizar mais a nossa profissão. Porque … o que vejo é isso também que o Orlando falou. Tem situações que não tem jeito, entendeu? A gente vai ter que acelerar para ganhar o pão de cada dia e é assim. Queria mais valorização, queria essa valorização não punindo os motofretistas que não são regularizados, mas sim valorizando os que são. Entendeu? É isso. Muito obrigado.

**01:01:25 Michele Perea Cavinato:** Fala seu nome para nós, HS, só para colocar na ata.

**01:01:28 Dawton Roberto Batista Gaia:** Perfeito.

**01:01:29 Décio Aparício — HS Moto-Fretes:** Meu nome é Décio Aparício.

**01:01:31 Michele Perea Cavinato:** Obrigada, Décio.

**01:01:35 Dawton Roberto Batista Gaia:** Só uma coisa rápida. Só uma coisa, só para finalizar essa ideia do nosso amigo. Gente, para ser médico, precisamos estudar. Para ser enfermeiro, precisa estudar. Para ser qualquer tipo de profissão, você precisa estudar. O motoboy não é menos que ninguém. Para você ser motoboy, faça o seu curso e seja um motoboy. Simples assim. Para qualquer profissão, você precisa ter estudo. E motoboy não é diferente, não estamos menosprezando quem não é e quem deixa de ser. Mas, você quer ser motoboy? Vai estudar, vai se regularizar e ponto final, está tudo certo. Porque o médico ele precisa estudar 200 anos para ser médico. O motoboy, no mínimo, ele estuda pouco tempo para ser um motoboy profissional. Ele aprende muita coisa com isso. Entendeu? Então não é menosprezando quem é esse motoboy, quem é esse … não, amigão, você é regularizado? Você é motoboy realmente? Então toma, você vai fazer o meu serviço. Só uma moto não vai fazer o meu serviço. Você é médico só porque você está de branco? Preciso saber se realmente você é médico para poder fazer uma cirurgia em mim, senão não consigo deixar você me operar. É essa a situação. Profissional é profissional. Obrigado.

**01:02:57 Dawton Roberto Batista Gaia:** Vamos lá, Gringo.

**01:03:00 Gringo presidente AMABR:** Parabéns ao Mauro. Parabéns, bom dia a todos. Não sei quem entrou depois, eu já tinha falado bom dia, mas falar porque entrou pessoas depois. Bom dia a todos. Mauro, cheguei lá na hora do lançamento, até saí numa foto que juntou todo mundo, mas o GPS me jogou para uma rua de cima e acabei não achava e depois fui ver que foi o problema de vários lá, mesma coisa. Mas enfim, parabéns por lembrar da nossa categoria. O Leandro Paizão é uma pessoa que conheço e ele falou comigo sobre isso. Falei, cara, a gente tem que preencher esses espaços. Todos os espaços que falar da gente, a gente tem que preencher. Porque quanto mais falar da gente, mais vão pensar em nós em algum momento. Cheguei a levar o livro lá, levei três livros para a nossa sede. Eu só não levei mais porque fiquei com receio assim, porque não sei se podia. Porque lá na nossa sede passa muitos motofretistas. A gente deixou lá, tal. Não consegui folhear ele ainda, mas assisti o documentário. Porque é muito corrido. Mas achei bem legal, principalmente pelo fato de lembrarem de nós. Porque muitos falaram da gente na pandemia, você vê como o Renan falou que colocaram a gente como herói. O que um herói ganha? Só para eu saber. Quando uma pessoa é herói, o que ela ganha? É só muito obrigado? Valeu? Você foi demais? Porque não é isso que sustenta a gente. Não é isso que tira a gente do risco, não é isso que tira a insegurança. Então, tipo, o que dá mais segurança, quer dizer. A gente tem uma profissão de alto risco. Uma profissão, Mauro, não sei se te falaram os dados. Não é uma crítica, é um argumento, porque acredito que como vocês vão divulgar o material de vocês, vocês possam levar esses argumentos também para verem que na maior cidade, na cidade mais rica do país, como um motoboy é tratado, como um motofretista é tratado. O que é um motofretista, Mauro? É um motoboy regularizado. Na realidade, motoboy é um apelido. Todos são motofretistas. Tem o regularizado e o irregular. O regularizado é o que tem a placa vermelha na moto, que anda com o baú, e o irregular, ele anda de todas as outras formas. A gente aqui é uma associação, eu sou motoca há 23 anos, e a gente há seis anos tem associação com a AMABR. A gente luta pela regularização, não porque a gente quer fazer igual o taxista, que tentou fechar o cercadinho dele ali e não deixar o Uber entrar. Não, a gente é ao contrário, a gente ajuda o outro a se legalizar. Trazer ele para cá para dentro. Por quê? Porque o motofretista já foi provado que ele é o que menos sofre acidente, ele é o que menos que vai a óbito, devido ao processo de capacitação. O que é esse processo de capacitação? É ele fazer um curso de 30 horas, que até esses dias a CET dava, não dá mais. Ele coloca acessórios de segurança na moto, protetor de perna, antena de cortar pipa, colocar refletivo na moto. Ele não usa mochila nas costas. A mochila lesa as costas dele, tenho problema nas costas devido a mochila. Ele também usa um colete refletivo, ele tem todo um preparo para exercer essa profissão de risco. É igual um policial, você não dá arma para um policial, antes ele faz um treinamento. Você dá uma bala de borracha, gás de pimenta, ele faz um treinamento com aquilo antes. Não só dá para ele e fala vai trabalhar. Como muito bem explicado pelo Orlando, foi bem rica a contribuição dele no comentário, o Décio. Olha a situação que a gente vive. Você tendo que pegar dois serviços, é como se você tivesse que fazer, Mauro, essa apresentação aqui e estar em outra live ao mesmo tempo agora. Você imagina como é que fica? Em algum momento você vai vacilar. E aí onde, com nós, é a vida que está correndo risco. Não sei se te falaram que em São Paulo, a cidade de São Paulo, não estamos falando do estado, é um óbito por dia. Um óbito por dia de morte. O que a Prefeitura de São Paulo está fazendo por nós? Até o momento, a faixa azul é algo que vem diminuindo bastante os acidentes. Mas e nós? Nós, motofretistas, o que nós temos? Um minuto que alguém resolveu me ligar agora ... voltei. O que temos como profissão? Nós não temos nada, nós não somos lembrados. O taxista, ele compra um carro mais barato, ele tem isenção do ICMS, ele tem um lugar exclusivo para ele andar. O que o motofretista tem? Nada, não é incentivado. Algo que é provado que diminui acidentes, é provado que diminui acidentes. Você capacita aquela pessoa para exercer uma profissão de risco. Pode anotar aí, Lei Federal 12.997, de 2014. Ela fala que essa profissão é uma profissão de risco. Por isso que quem trabalha nela no CLT, recebe 30% de periculosidade. Não é porque a gente é autônomo, ou está trabalhando no aplicativo, que não nos dá autonomia, que a gente não está correndo risco. É necessário que capacite, mas a gente não tem essa capacitação. Não é entregue isso para nós. Não é facilitado, para a gente tentar fazer é uma burocracia, paga taxa, é caro, é difícil, sendo que a prefeitura e essas empresas que exploram nossa profissão poderiam ajudar com isso. Gostaria que vocês se aprofundassem um pouquinho mais, não que não está suficiente o conteúdo de vocês, estão de parabéns, não tem nada a falar contra, não sei se pode sair uma parte 2, sabe? Olha os dados reais, o que está acontecendo. Fora a faixa azul não foi feito nada. Pelo contrário, foi tirado. A gente tinha um curso de motofrete que cansei de elogiar em Brasília, em vários lugares, que era um dos melhores que tinha lá na CET. Tiraram esse curso nosso. Ele era gratuito. Agora a gente tem que pagar R$350 para fazer o curso. Com a parceria nossa R$210 no SESC SENAT. É para vocês verem o que é ser o motoboy ou o motofretista. Para vocês verem, a gente não tem isenção de taxa, não tem isenção de imposto, a gente tem uma dificuldade imensa, tem um preconceito terrível e mesmo com a faixa azul, a gente está vendo o número de óbitos em São Paulo crescendo. Então assim, a gente quer ser igual ao Renan falou, a gente quer ser tratado como seres humanos. A gente quer ser lembrado. Ou porque o herói não está dando certo. Obrigado por vocês olharem. Sei que vocês estão falando com carinho quando vocês falam herói. Eu sei, não é por falar. Mas isso, as consequências disso não estão chegando em nós. As nossas consequências é daqui a pouco a gente fazer vaquinha para enterrar mais um camarada. Queria dividir isso com vocês só para vocês terem noção de como o Motoboy é importante. Olha para vocês verem. O maior evento de motos do mundo lá em Interlagos, a categoria só foi lá porque trabalhamos muito para conseguir ingressos para eles lá. Porque eles não têm condição de comprar 3, 4 ingressos para ir com a família. Um evento maravilhoso daquele. A gente aqui da AMABR conseguiu proporcionar isso. Mas não sei se tem relação para vocês. É um evento de moto, a gente ganha vida em cima de uma moto. A gente não consegue ir ao evento de moto, porque a gente não tem condição. É só para vocês terem noção da gravidade que é. A gente distribuiu aqui 14 mil ingressos graças ao Marcinho, que foi o organizador do evento, que é um camarada meu agora, fizemos uma amizade boa. Também a Suhai, que ajudou bastante. Também quero parabenizar vocês pelo vídeo da buzina que o Sr. Yasuda me mostrou. Foi um excelente vídeo, muito bom mesmo, bem tocante. A gente quer ser tratado como seres humanos, a gente quer que diminua os acidentes na nossa categoria. A gente gostaria do apoio de vocês compartilhando essa mensagem que estou passando aqui, porque a gente é uma das associações mais representativas, e eles se sentem, muitos deles se sentem representados, porque a gente fala essa real aqui. Como o Dawton, a Michele já me conhece aqui, todos que fazem parte, já sabem que essa é a minha fala. Tem bastante motoca que veio hoje, que está vendo pela primeira vez eu falando nesse formato. Mas sempre estou aqui, as atas tão tudo aí. Mas eu busco desesperadamente não ir em um velório de outro conhecido. Porque às vezes o homem poderia ter sido salvo por uma técnica que ensina no curso. Entende? Teve o Maio Amarelo, eu não queria fazer o briefing, não é briefing, desculpa. Não queria dar spoiler, mas no Maio Amarelo não foi falado do motofrete. Não fala, olha, usa um colete refletivo que aumenta 60% sua visibilidade. Olha, essa mochila faz mal para as suas costas, profissional. Aqui a gente está vendo todos, o motociclista, o motoboy, o motofretista. Olha, nesse lugar aqui você faz o curso de graça. Nesse lugar aqui você aprende sobre isso, sobre aquilo e tal. Use os equipamentos. Olha as consequências caso você não use. Essas coisas a polícia não faz, a CET não vi fazendo, eu reclamei com o presidente da CET no dia. Também não vejo a prefeitura desenvolver nada para a nossa categoria. Só gostaria de colocar essa satisfação, porque os motoca, eles queriam estar aqui, mas eles não podem estar aqui nessa reunião, porque eles estão correndo lá, fazendo dois, três serviços de uma vez. E a gente agora, Michele, só para você ter noção, Dawton, a gente tem uma parceria agora com o escritório, que ele entra com indenizações de quem sofreu acidente por aplicativos. Teve fratura? Tem direito a receber uma indenização. Todos os aplicativos têm que dar seguro. Os aplicativos não falam que têm seguro. E quando ele tenta ir atrás do seguro, é uma dificuldade imensa. E quando paga, dá R$ 150,00 ou R$ 300,00 uma única vez para aquela pessoa que está acidentada. Entende? Esse escritório entra para fazer eles pagarem o justo. Aquele que ele tinha pagado R$150, de repente descobre que ele tem direito a R$2.000, a R$6.000, a R$10.000. Na mesma fratura, porque o seguro deles tem indenização de R$100.000. O que quero mostrar para vocês é que, devido à eu divulgar isso daí, a quantidade de sequelados que estão vindo. Cara que fala, você não sabe o que é ouvir o cara falar assim. Olha, lutei dois anos com a minha perna, mas não teve jeito, tive que amputar. Tenho aqui, posso mostrar para vocês se vocês quiserem. É terrível, do lado de cá, que sou um motoca que fui ao velório de vários camaradas, e vejo vários passando necessidade, e quando morre ainda tem que fazer uma vaquinha para o cara. Porque ele não tem nenhum mínimo. Se ele estivesse dentro da lei, Marina, Mauro, se ele estivesse dentro da lei, aqui em São Paulo, ele estaria com seguro de vida, ele estaria com INSS. Quando essa pessoa morre, destrói a vida de uma família, igual destruiu a minha. Quando meu pai morreu, meu pai foi assassinado quando tinha dois anos. E a gente não teve seguro de vida. Minha mãe teve que trabalhar em dois serviços para poder cuidar de mim, dos meus irmãos. Então, o que aconteceu? Fiquei sem pai e sem mãe, porque não via minha mãe. Entende? São essas coisas que quero dividir com vocês, que eu não quero que aconteça, não é a minha história. Eu só não quero que a minha história se repita para os outros. Porque eu sei o quanto foi difícil estar vivo. Não vou me alongar mais, porque ainda tenho que apresentar o Maio Amarelo, mas só quero que, pelo amor de Deus, Dawton, Michele, não sei com quem que tem que falar, ou o pessoal aí da Móbil, o pessoal da Barro de Chão, ajude a gente no próximo Maio Amarelo a mostrar a gravidade disso. Tem que ter o motofrete sendo falado. O motociclista é o que mais se acidenta? É. Mas o motofrete tem que ser lembrado. Não é porque um é maior que o outro. O motociclista é muito maior do que o motofretista, mas o motofretista não está sendo lembrado em nada. A gente é tudo subemprego, subjugado, sub um monte de coisa. Entende? Desses 25% que o seu Yasuda falou, 10% são regularizado. A gente gostaria de um incentivo da prefeitura e gostaria que vocês dessem visibilidade a essa fala que a gente está fazendo aqui. A minha, a do Orlando, a do Décio e várias outras que gostariam de estar falando, mostrar o quanto é mais precário do que parece. Porque a gente parabeniza de estar mostrando a gente, mas a gente gostaria que vocês levassem mais esse ponto adiante, porque vocês vão ter espaço, e o que depender da gente aqui também, a gente vai ajudando a divulgar também, está bom? Muito obrigado e desculpa me alongar, está faltando muitas políticas públicas para nós, muita, na realidade não tem quase nenhuma. Até mais.

**01:17:17 Gringo presidente AMABR:** Muito obrigado, Gringo. Vou passar para o Thiago e para a Leni. Depois vou fechar essa inscrição para a gente dar continuidade à nossa reunião, que falta mais uma apresentação ainda do Yasuda. Eu só vou pedir que seja um pouco mais breve, mas fique à vontade. Thiago.

**01:17:37 Marcão:** Bom dia a todos.

**01:17:43 Dawton Roberto Batista Gaia:** É o Marcão?

**01:17:44 Marcão:** É o Marcão. Estão me ouvindo?

**01:18:01 Dawton Roberto Batista Gaia:** Está bom?

**01:18:05 Marcão:** Desculpa que o meu filho deu um problema, não sei o que ele fez. Bom dia a todos. Primeiramente, quero pedir desculpa a falta de educação. Não estava com vocês no início, porque hoje estava fechando as convenções do setor diferenciado, do setor do motofrete. Graças a Deus, mesmo com todo esse impacto dessa nova geração, quem sabe, de empregos, conseguimos fechar 5%, acima do NPC, graças a Deus. Agora acabamos de fechar também o setor de diferenciados. Também estava um pouco corrido aqui, vocês estavam falando do motofrete, acabei de atender mais ou menos aqui 16 motoboys, que estão acabando de fazer o curso e estão tirando o condumoto, tem aquela dificuldade de usar o portal. No portal do DTP, então até você ensinar ali demora um pouquinho. Também parabenizar pelo evento. Eu vi o desabafo do Gringo. Pude acompanhar os motofretistas falando. Numa parte, a gente concorda. Tem as críticas e tem os elogios, como o Gringo falou na questão, assim, que não está vendo nada. Mas te ver que o setor do motofrete é bem difícil, o motoboy, tudo para o motoboy é difícil. Periculosidade. Hoje estamos na quinta categoria que tem essa posição de risco. No caso, o pessoal falou que é o CLT, que tem periculosidade. Também vimos que o Gringo pegou e falou que realmente a questão do curso está bem difícil. A CET foi uma das portas que ajudou muito o trabalhador se regulamentar. Hoje, tem muito cara que está precisando fazer a requalificação, as 10 horas do curso, e está sendo difícil. Os locais que têm estão cobrando muito caro. Hoje tem só uma autoescola, que é a Tuca, que está cobrando lá, se for à vista cobram um preço, e se for no crédito cobram outro preço. Na questão de benefícios a gente sabe que a prefeitura liberou a cor do veículo. É uma grande conquista,, é uma grande conquista, muitas vezes o trabalhador falava que não ia por placa vermelha porque a moto tinha que ser só branca. Então, a gente tem que pontuar isso como uma grande conquista. Hoje é liberado qualquer cor. O Gringo tem uma moto que não é branca, tem placa vermelha, tem uma Lander também preta com placa vermelha. A gente vê que tudo com motoboy é difícil, leva 5, 10 anos para conquistar. Acho que na fala do Gringo, de todos, eu acho que precisa ter uma visão melhor mesmo do trabalhador. Deixa eu ver, tinha outra coisa que tinha que falar também que acabou sumindo aqui. Agradecer a todas as prefeituras. A gente tem tido muito … estão parabenizando muito o portal. Eu acho que é a Mariana que cuida dessa parte, não é, Mariana? A parte do portal 156.

**01:21:39 Mariana Santana Pereira Santos:** Oi, bom dia, Thiago. É uma equipe.

**01:21:42 Marcão:** É o Marcão, viu? É o Marcão. Está Thiago, mas é o Marcão, Mariana. O meu filho fez uma boa coisa aqui, está parecendo o Thiago.

**01:21:53 Mariana Santana Pereira Santos:** Marcão, o 156 é um conjunto de um trabalho feito pela …

**01:21:57 Dawton Roberto Batista Gaia:** Cortou. Travou, Mariana.

**01:22:05 Gringo presidente AMABR:** Travou.

**01:22:06 Marcão:** Travou, Mariana. Mas está bom, só para concluir.

**01:22:14 Dawton Roberto Batista Gaia:** Vamos passar.

**01:22:16 Marcão:** Isso, vamos, vamos. Depois acho que a Mariana vai … concordo com o que o Gringo falou, os trabalhadores falaram, que tem que ter uma atenção mesmo. Mas também tem que ver o lado bom. É que, querendo ou não, eu bato nessa tecla, em questão de ajudar o trabalhador, a prefeitura, a questão de isenção de taxas e tudo isso. A gente vê que, em uma parte, hoje, com o Portal 156, tirou a gente da mão de despachantes, aqueles despachantes que trabalham no DTP, todo aquele procedimento. Hoje, com o Portal 156, a gente vê que a gente consegue fazer esse serviço gratuito. Eu perco muito tempo aqui no sindicato, porque a gente vai ensinando o trabalhador. Ele não tem ainda muito aquela manhã. Tem que entrar lá, entrar pelo GOV, tem que clicar no transporte, motofrete, renovação do condumoto, dar licença, anexar os documentos. A gente acaba perdendo tempo ensinando, mas tem feito isso aos pouquinhos, a gente tem ajudado esse pessoal. Então, numa parte, hoje, por mais que ele pague aquela taxa da prefeitura, mas ele se livrou um pouco da mão dos despachantes que cobravam muito caro. Hoje você vê, você vai tirar o primeiro condumoto e você gasta R$ 27. Antigamente era cobrado R$ 660, R$ 200, R$ 300 para você renovar uma licença pelo despachante para cobrar R$ 60. Beleza, tem os custos dele. Mas, querendo ou não, essa questão do portal ajudou muito financeiramente quem não tem hoje uma condição de pagar. Antes ele tem as críticas, mas também sabe que a prefeitura também tem feito um lado bom. A questão do portal, a faixa azul e todo esse procedimento. A gente sabe que hoje para conquistar uma regulamentação, fiscalização já tem. A polícia está aí, sempre fiscalizando pneu, tudo isso. Agora, uma regulamentação hoje aqui no município de São Paulo é algo assim muito grande, o volume. Porque hoje está tudo aqui em São Paulo. Então, nesse caso, teria que ter uma parceria grande. Acho que voltar a CET, abrir aquelas portas abençoadas, que sempre ajudou o motofrete, bora abrir essas portas novamente. Ter um diálogo também com as empresas. Não estou aqui para bater em ninguém. Não vou falar o nome de empresa, mas dos aplicativos em geral. O cadastro dentro do DTP, porque eles que têm toda essa categoria na plataforma deles e começar a incentivar eles, igual aquilo lá atrás que foi estudado, o Dawton sabe, a Michele, a Mariana sabe. A gente tinha um projeto muito lindo, se fosse realmente haver uma regulamentação com o DETRAN, que era aquela questão de fazer a regulamentação através de quê? Através do final de placa de cada trabalhador. Não sei se vocês lembram desse projeto, faz bastante tempo. Ia ser um projeto legal. Vamos supor, parou o cara no comando, a placa dele é 1, o cara já tem curso, já tem um condumoto, legal irmão, vai lá. Você já está 99% na lei, agora você é regulamentar a placa. Antigamente o cara não fazia isso porque tinha questão de cor. Hoje não tem mais, hoje está mais fácil ainda. Esses caras davam placa 1, placa 2, dando tempo para as outras pessoas. Mas não adianta a gente começar de baixo para cima. Sabe que hoje a tecnologia está aí, os aplicativos estão aí. Então, eles que vão ter que ter também uma parceria com a prefeitura, com o transporte, para poder ajudar nessa Comunicação. Porque sozinho, só associação, sindicatos, só a CET, a gente não vai conseguir. Vai ter que ter esse pessoal para poder ajudar essa categoria que é muito grande. Isso aqui é mais uma concordância. Vou concluir, mas só uma concordância. Saber se os acidentes estão, tudo isso tem acontecido. Só para finalizar a minha fala aqui, como o Gringo falou nessa questão para receber o seguro, essas coisas. A gente sabe que a maioria dos trabalhadores não recebe devido a uma sentença do STF que fala que esses caras não são CLT. Por isso que está tendo todo esse … mas é isso, essa é a minha fala. Parabenizar a todos pelo Maio Amarelo. Parabenizar pelas conquistas. Agradecer não só a vocês, mas ao prefeito e a todos que estão envolvidos. Acredito que muita coisa boa vai acontecer no meio do setor do motofrete. É isso.

**01:26:51 Leni Express:** Muito obrigado, Marcão. Leni.

**01:26:57 Dawton Roberto Batista Gaia:** Fala, pessoal. Bom dia. Estão me ouvindo bem?

**01:27:00 Dawton Roberto Batista Gaia:** Sim.

**01:27:02 Leni Express:** Está ótimo. Coisa rápida. Eu só comecei a ter noção de o que é pilotar moto depois que tive o meu primeiro carro. Por quê? Porque quem tem sua moto não tem noção de como que é dirigir carro em São Paulo. Você quer passar de qualquer jeito, você quer passar. Qualquer brecha você quer entrar. Então, só tive um entendimento de como dirigir moto em São Paulo depois que tive meu primeiro carro. Vi o tanto que o pessoal força a passagem, o tanto que o pessoal buzina em cima de você, que a passagem está assim. Eu tento explicar para alguns motoqueiros em São Paulo, referente a essa situação nossa. Outra coisa, agradeço ao Gringo pela ajuda que ele dá ao pessoal. O Gringo é uma pessoa muito importante na categoria. Ele é muito importante na categoria. Hoje, acompanho o que ele fala. Conheço o Gringo há um ano só, não curtia muito o pessoal que fala sobre motoqueiro, era mais solitário. Tudo que é referente à AMABR fala, eu apoio, eu ajudo e compartilho. Gente, era só isso que vou falar para vocês, estou aqui na moto trabalhando e muito obrigado a todos.

**01:28:13 Dawton Roberto Batista Gaia:** Muito obrigado, Leni. Eu vou mudar a nossa pauta e vou passar para o Yasuda. Yasuda, a palavra é sua.

**01:28:27 Wilson Yasuda:** Queria que a Michele colocasse a apresentação.

**01:28:31 Wilson Yasuda:** Só queria agradecer muito, só um fechamento nessa pauta, eu agradeço muito, Mauro, toda a equipe, tanto da Barro do Chão, quanto da Mobil, todos. O senhor Yasuda que nos apresentou esse programa fora de série. Acho que ele fez todo mundo repensar nessa categoria. Vamos lá, agora eu mudo. Muito obrigada.

**01:28:55 Dawton Roberto Batista Gaia:** Deixa eu só devolver a palavra para o Mauro, para ele fazer o fechamento da pausa dele, porque ele escutou todas as demandas.

**01:29:13 Mauro Rossi:** Bom, eu fico muito feliz. É muito doloroso ouvir tantas reivindicações verídicas, verdadeiras, nuas e cruas. A gente tem que compreender que a gente está falando da vida como ela é, a rua. Só quem está lá mesmo, e antes de começar a fazer esse projeto, para me forjar, para ver se conseguiria entender o que é viver numa moto, trabalhar numa moto, eu tirei uma habilitação. Treinei com a maioria de todos os alunos no dia da autoescola, de ver se a gente consegue passar. Às vezes, a gente treina, treina, treina, mas chega naquele dia a pressão imensa e muita gente que treinou tanto e que sabe até pilotar mais do que os outros, uns passam, outros não. É um vestibular aquilo ali e foi impressionante alguns momentos que eu vivi na rua. De parar em um sinal e ver que quem está com o capacete se comunica, promove segurança entre grupos, basta um olhar. Mas eu queria dizer uma coisa para vocês, esse livro, esse projeto, ele mexe com muitos temas. São muitas pautas urgentes. Acho que o gringo é um dos grandes agentes, quem seríamos nós para falarmos de causas. Claro, podemos ser agentes, podemos contribuir, podemos trazer temas, Gringo, mas vocês têm uma voz muito grande. O que esse projeto tentou fazer nesse sentido foi aproximar mais, ainda mais o olhar sobre a categoria, conhecer a força do que está por trás do capacete, que é a força de vocês. Quando mencionei a questão dos heróis, não era um rótulo. Quando você chega na genealogia da palavra, no significado da palavra, você vê que são indivíduos notabilizados pelas suas coragens, pela sua perseverança, pela sua abdicação, que saem todos os dias das suas casas, sabem como o Paizão falou, como saem e não sabem como voltam. Se voltam, são realmente heróis. Por que eu digo heróis? É uma experiência de quem viveu com 580. Não é um rótulo. Mas eu tenho que dizer porque sou humano. Quinhentos e oitenta motoboys, escutá-los e as mais diversas reivindicações, me fez entender que vocês estão brigando, lutando pelo direito justo. Tenho orgulho de participar disso como brasileiro, como profissional. Mas eu vi muitas famílias, filhos, considerar seus pais, como o maior exemplo de profissão de ser humano, de indivíduo, que faz com que o dia-a-dia dessas casas, que são provavelmente os agentes do amanhã. São os futuros pilotos ou médicos, ou advogados, ou profissionais da lei, seja em que categoria for, vocês também conseguem inspirar não só o lado da rua, mas o lado de dentro. Queria agradecer a vocês por todo esse trabalho, por terem nos acolhido. Agradecer e pedir que leiam o livro, folheiem as páginas, conheçam o projeto. A gente traz alguns desses temas, mas não há um aprofundamento, porque o projeto em si teve uma conotação social e cultural, mas ele traz a voz de vocês, porque são vocês que estão falando e vocês que estão fazendo a coisa acontecer. Então, contem comigo, estou por aqui. Obrigado.

**01:33:24 Dawton Roberto Batista Gaia:** Obrigada, Mauro. E parabéns de novo. Tenho certeza que esse trabalho, esse projeto, é um marco na sua produtora.

**01:33:32 Gringo presidente AMABR:** Michele, deixa acrescentar, parabenizar o Mauro novamente. E, Mauro, a gente não entendeu como rótulo, não. É a sociedade que faz um rótulo. Da sua parte, a gente não entendeu, porque a gente está vendo essa dedicação em mostrar as histórias. É muito bem-vindo e parabéns tanto a você quanto a Mobil e todos os outros que fizeram partir junto. A gente só está mostrando o que a sociedade está fazendo. Em vez de nos valorizar e criar políticas públicas, eles estão colocando só herói para bem herói. Quando alguém comete um assalto como falso entregador, já não é mais herói, agora todo mundo virou suspeito, entende? Então é só isso. E só para finalizar, só para deixar bem sem entender a significância do que a gente está buscando aqui, a gente abriu uma reunião dessas e uma das pautas era fazer a lei do motofrete funcionar. A maioria do pessoal que está aqui, tem uma minoria, muito engajada, luta de verdade e ajuda, mas a maioria acabou deixando para lá, nem ligou para as pautas de regularização dos motofretistas. Dá para regularizar sem onerar eles, mas é infelizmente com isso que a gente tem que lidar, essa falta de atenção e muitas palavras bonitas. Então é isso o que preciso da ajuda de vocês para ajudar a transmitir. Desculpa a minha longa, pessoal, perdão por isso, mas preciso falar, a minha categoria quase não tem voz e toda vez que tem voz tenho que usar todo o espaço que puder.

**01:34:59 Dawton Roberto Batista Gaia:** Não vou dar mais palavras porque estou sendo já mal-educado com o Yasuda. Por favor, Yasuda. Vou passar, se for rapidinho, Orlando, deixo falar, rápido.

**01:35:13 Orlando Fernandes:** Vamos parabenizar a Mobil, vamos parabenizar qualquer evento que tiver. Só que assim, o que acontece? Se a gente for nesses grandes eventos, desculpa falar, Gringo, a gente, motoboy, não estaria nesse local, porque a gente não vê pessoas que sejam motoboy nesse lugar. Não adianta você falar, ah, o evento foi bacana, foi legal, foi super da hora. Só tem gente bonita. Cadê os motoboy? Os feios? Cadê os que trabalham com a gente, que correm atrás da situação? Está aqui. Só estão os bonitos, os modelos, os caras bonitão, mas os feios, os motoboy que estão ali, que está aqui. Porque para eles isso não … obrigado, gente.

**01:35:54 Dawton Roberto Batista Gaia:** Yasuda, a palavra é sua.

**01:35:58 Michele Perea Cavinato:** O Mauro quer fazer um fechamento, Mauro.

**01:36:01 Mauro Rossi:** Eu queria dizer, gente, como o Gringo falou, que levou 3 livros, caso vocês tenham interesse em democratizar um pouquinho desse conhecimento, até contar conosco para somar a voz de vocês, ou enriquecer algum repertório no sentido sociocultural. Contem com a gente. Gringo, vou fazer um contato com você com o Paizão para mandar uns livros para você.

**01:36:31 Michele Perea Cavinato:** Para nós também, Mauro, por favor.

**01:36:34 Dawton Roberto Batista Gaia:** Para nós também. Yasuda, a palavra é sua.

**01:36:39 Wilson Yasuda:** Difícil, difícil, porque a gente vai ficar aqui a manhã inteira ouvindo essas importantes declarações e tudo mais, contribuições e tudo mais, a gente acha que é muito válido tudo isso. Acho que a Michele tem que fazer uma pauta em relação a essa situação, para que as pessoas possam, de repente, falarem aquilo que acham necessário. Mas, do outro lado, a gente também tem que trabalhar bastante para que a gente possa fazer um bom trabalho. Não traria essa pauta se não fosse importante. Mas é uma pauta que tem um objetivo, tem uma situação que a gente precisa olhar, na verdade, as metas e tudo mais em relação a esse trabalho dele. Não existe nenhuma situação que possa fazer isso ser alterado. Acho que ele já tem a meta, já tem os seus objetivos e vão fazer tudo que for possível para fazer esse trabalho bem feito. Vou rapidamente passar a minha apresentação, até perdi a vontade, viu, Michele? Porque tem tanta situação que todo mundo quer falar. Gostaria de colocar para vocês o que nós realizamos no final de maio, que foi um trabalho que a gente realizou junto com a CET, junto com a Polícia Militar, junto com o Comando da Polícia Militar, com o Bombeiro, o Samu, esteve lá a Honda, esteve lá a Yamaha. Queria mostrar para vocês um resumo do que foi realizado. Não vai demorar mais do que acho que 10 minutos. Vamos ver se você consegue colocar para mim, por favor.

**01:38:47 Dawton Roberto Batista Gaia:** Entrou, vai lá.

**01:38:48 Wilson Yasuda:** Entrou. Bom, o Pit Stop Educativo foi realizado em 2024, de 27 a 29 de maio, no estacionamento do Clube Tietê. Pode ir, por favor. Então, como falei, a gente fez esse Pit Stop de 27 a 29, das 7 às 16 horas, no local Centro Esportivo Tietê, em São Paulo. A gente teve o apoio da Companhia de Engenharia de Tráfego, o Comando de Polícia Militar, a Polícia Militar, o DTP, a SPTrans, o Bombeiro, o SAMU e a Prefeitura de São Paulo, através da Secretaria de Transporte e Mobilidade Urbana. Foi um formato remodelado e ampliado em 2004, oferecendo mais atividades interativas para destacar a importância da pilotagem defensiva para a prevenção de sinistros. Atendemos motociclistas, motofretistas e entregadores. Tem uma foto de um grupo, que eram vários grupos. A gente tinha um estacionamento.  Dois estacionamentos, enquanto um grupo estava dentro, tendo a sua palestra, a gente, quando eles saíam, já entrava outro grupo, quer dizer, no fundo, existia uma situação de bastante facilidade para que as pessoas pudessem participar. Fizemos uma palestra educativa, a gente entregou material educativo e brindes. Tivemos um espaço Yamaha, que tinha um simulador de ponto cego, distribuição de vale de troca de óleo e brindes. No espaço Honda, um simulador de embriaguez, pesquisa Honda, distribuição de vale de troca de óleo e demais brindes. Tivemos também uma demonstração de frenagem, pela Honda e pela Yamaha. No espaço da CET, do SPTrans, do corpo de Bombeiros e do SAMU. Você pode ampliar um pouquinho? está cortando um pouquinho no fim. Vê se consegue aumentar um pouquinho, por favor ... se vocês olharem ... você já foi para a frente demais. A gente tem o policial mostrando para os participantes em relação ao desgaste do pneu. Acima a gente tem o simulador de embriaguez, tem a palestra, embaixo a frenagem, o ponto cego pela Yamaha e o Bombeiro do lado direito. Pode ir. A gente teve, na verdade, 2.300 participantes desse evento. Queria dizer o seguinte, que a gente tinha uma meta de que a gente realizasse 1.300 atendimentos, 1.800. Fomos trabalhando, trabalhando, era um número muito grande de participantes. A gente conseguiu fazer um trabalho com 2.300 participantes dessa palestra. A gente quer agradecer o trabalho da CET, de todas as entidades, dos órgãos que participaram, principalmente, o secretário Celso, que deu uma força para a gente em relação a essa realização. E a gente pensa que faremos outros eventos em relação a esse pit-stop educativo, que é muito interessante. É um pit-stop que traz bastante informação para nós. A gente fez um levantamento, fizemos algumas pesquisas, que depois a gente pode mandar para você. Tem bastante informação, para a gente poder fazer algum trabalho com essas pesquisas. A gente tem, como falei, um número muito grande de usuários de motocicletas e de motofretistas, entregadores. A gente tem que fazer bastante trabalho. Quando a gente tiver novamente esse trabalho, viu Marina, a gente vai falar com você, porque acho que é importante quando vocês tiverem alguma coisa para mostrar, para poder conversar com esse público. Porque, para você ter uma ideia, durante esses 3 dias, pessoalmente, fiz mais de 50 palestras. É um número muito grande de pessoas diferentes. Pessoas que, efetivamente, alguns são trabalhadores, são entregadores. Até aconteceu uma coisa extremamente diferente dentro dessa palestra, que tinha um entregador que estava com uma refeição de alguém na sua bag. Ele ligou para essa pessoa e falou que estava numa palestra, vai demorar um pouquinho. Onde você está? Ah, eu estou em tal lugar. O cliente foi lá e pegou a refeição dele e a gente deu risada, porque isso nunca aconteceu, porque a pessoa estava na palestra, não queria sair da palestra. Acho que é uma coisa interessante que ele conseguiu, porque devia ser do lado que ele estava. O cliente foi lá, pegou a refeição dele, foi embora e agradeceu. Demos muita risada nesse dia. É muito difícil fazer esse trabalho. Porque imagina que você vai trabalhar com a sua moto às 7h da manhã. De repente, você vê um aparato policial e coloca você dentro de um lugar. Nesse lugar, você encosta a moto, você não sabe o que vai acontecer. De repente, você é convidado a entrar dentro de uma tenda, onde tem 40 lugares. Você senta. Você fica preocupado, olhando o telefone. Será que vai dar? Será que não vai dar? Mas, depois que você conversa com eles, depois que você, efetivamente, mostra para eles a importância desse trabalho, eles ficam muito felizes. Muitos ganham troca de óleo, todos ganham um lanchinho, ganham um sanduichinho, ganham um suquinho, quer dizer, todo mundo fica muito feliz depois que ele termina o trabalho. A gente já fez várias vezes esse trabalho com a CET, em outros lugares, mas esse trabalho que a gente fez agora lá no estacionamento do Clube Tietê foi espetacular. Infelizmente, na segunda-feira choveu, a gente teve que esperar parar de chover. A gente conseguiu fazer, naquele dia, acredito que uns 500, mesmo depois da chuva, e fomos continuando e chegamos aos 2.300. A gente agradece a Prefeitura de São Paulo, agradece a CET, o Comandante do Procedimento de Trânsito, a Polícia Militar, o Bombeiro e o SAMU, que foi também convidado dessa vez. O SAMU faz um trabalho muito bom, porque o atendimento do motociclista que sofre acidente é feito pelo SAMU. Acho que o SAMU é extremamente importante que ele estivesse presente, porque ele poderia demonstrar como é que ele faz. Tínhamos o pessoal do CPTrans com o etilômetro, fazendo demonstração de como faz a verificação, se a pessoa tem o álcool, ou não. Quer dizer, no fundo, foi um trabalho muito bom. Era isso que queria ... só para encerrar, novamente, queria agradecer ao Mauro, um excelente profissional que conseguiu mostrar para nós todo o trabalho. A Marina, o pessoal que contribuiu, o Orlando, os motofretistas, o Gringo, e o pessoal da CET que estão participando, assistindo a nossa Câmara Temática. Espero que a gente possa, em próximas reuniões, ter mais coisas importantes, não é, Michele? Que a gente possa engrandecer o nosso trabalho. Não é, Dawton? Obrigado.

**01:47:58 Dawton Roberto Batista Gaia:** Muito obrigado, Yasuda. Como é bom a gente poder compartilhar esse trabalho, mostrar que estamos sempre pensando nessa questão. O Gringo falou uma coisa que achei muito importante, que é a importância do treinamento. Quando você para, mesmo sem ele querer parar, num trabalho como esse, fala, você vai ficar aqui um pouco observando, olhando, escutando o que nós temos para falar para você. Quando você o tira do meio desse trabalho que ele está fazendo, mesmo sendo obrigado, você termina dando de fato, trazendo o estado de consciência. Acho que é um pouco isso tudo. Trazer a consciência da importância do trabalho dele dentro de uma sociedade que realmente necessita desse trabalho. É o retrato do livro que o Mauro está colocando. São dois trabalhos que estão separados que, na verdade, estão se juntando aqui, nessa Câmara Temática. É isso, é uma construção, tudo isso é uma construção. Acho que é importante que a gente possa sempre estar juntos e cada vez mais, você vê, já foi um pouquinho melhor esse evento, este ano, que veio a SAMU, cada vez esse evento vai ficando melhor. Bom, tem mais uma questão escrita, não, agora mais uma. Vou passar a palavra para o Rafael rapidamente e depois para o Eric …

**01:49:39 Wagner:** Bom dia, dá para me inscrever também? Agradeço, é o Wagner.

**01:49:45 Rafael:** Bom dia, só quero deixar 3 pontos aqui. Parabenizar o trabalho do Mauro, do Gringo da AMABR. Estou conhecendo agora o trabalho pouco em pouco da profissão. Trabalho tanto de motorista (inint) [1h:50:03]. Queria só 3 pontos: valorização da classe, reconhecimento e a capacitação também. Porque, meu, sem esses três pontos, cara, é só isso que a gente vai fazer. Uma coisa puxa a outra. Então, cara, é parabenizar a todos pelo trabalho. Valorizar mais a gente, que é o caso … é isso que eu estou precisando falar, que ele fica mais … não vejo no dia a dia, não vejo nada disso daí. Não é fácil não, mas é... parabenizar a todos e é isso daí mesmo que queria passar.

**01:50:53 Dawton Roberto Batista Gaia:** Obrigado, Rafael. Eric?

**01:50:58 Eric Ferreira Vasconcelos:** Bom dia, pessoal. Bom dia, Dawton. Bom dia, todo mundo. Aproveitando o que você falou, o Gringo também havia falado do treinamento, acabei perdendo um pouco da câmera, quase a internet caiu. Estou desde 2007 na rua. Tenho um grupo que fiz pelo WhatsApp, que é onde coloco os motoboys novos que estão entrando na categoria. Estou passando um treinamento para eles, porque, infelizmente, a nossa categoria está complicada. A gente tinha que colocar esses meninos para trabalhar em segurança. Quando se escancarar a porta, que os aplicativos mais ou menos fizeram isso, se escancaram a porta, e pegaram todo mundo para trabalhar, infelizmente, só colocaram para trabalhar, não fizeram uma conscientização de segurança, de padrões de trabalho, acaba acontecendo o quê? A emoção, às vezes, do sangue novo nas veias desse menino, e atrás de dinheiro que, se você for ver, justamente pelo que o Orlando falou, a má remuneração em cima do nosso trabalho. Então assim, o Gringo está fazendo um bom serviço junto com vocês. Fui um dos que testaram a faixa azul antes de implementar na Moreira. O Gringo convidou a gente lá. A gente vem participando dos projetos, junto com a AMABR, para a gente tentar chegar no ponto que a gente quer, que é a valorização e, claro, ser reconhecido como motoboy mesmo, motofretista, que a gente sabe que movimentamos, não só São Paulo, como o Brasil inteiro. Só que assim, se não tiver um treinamento, se não tiver uma conscientização desses novos que estão chegando, infelizmente acontece índice muito alto de acidentes e a gente não quer isso.

**01:52:58 Dawton Roberto Batista Gaia:** Muito bem, Wagner.

**01:53:03 Wagner:** Bom dia, primeiramente, a todos para que seja para parabenizar o trabalho de todos vocês e deixar aqui mais ou menos nessa mesma linha que o Rafael estava comentando. Sou motoboy hoje, desde 2018. Trabalhei um ano e meio em uma oficina de motoboy e virei autônomo. De 2018 para cá, sou autônomo. Comecei diretamente me regularizando pelas leis do motofrete, porque na empresa terceirizada não era. Era carteira registrada mesmo, sem estar com curso nenhum. Acho que a regulamentação da categoria é fundamental. Enquanto estava sem o conhecimento da regulamentação, que trabalhava por uma empresa, eu sofri dois acidentes, por falta de técnica mesmo. Por mais que a gente ande de moto todo dia, os cursos específicos, eles passam umas técnicas de frenagem, a aula teórica explica bastante como você se adequar em cima de uma moto com peso. A quantidade de um peso que leva, por mais que, às vezes, a gente extrapola no peso, hoje em dia, por causa da demanda, você quer correr mais para poder ganhar mais, porque a categoria está escassa. Quando comecei, ainda estava começando essa onda dos aplicativos. Estava começando a abrir as portas para toda a categoria de outras placas. A categoria que tem os cursos, nada contra, acho que todo mundo tem sim que trabalhar, tem que, mas acho que tem que fazer o curso de moto a frente. Os aplicativos, de certa forma, eles pegaram muita gente inexperiente, assim como era na empresa. Eu era inexperiente, trabalhava de motoboy, mas era completamente inexperiente, carregava peso, não sabia a distância de frenagem, de certa forma, com o peso. Depois que fiz o curso, para não dizer que nunca sofri um acidente, sofri um acidente só nesses últimos anos, que foi batido por vacilo meu mesmo. Mas, daí para cá, o curso de motofrete fez toda a diferença em minha vida, como motofretista. Acho que a lei, aqui em São Paulo, principalmente, por mais que seja federal, acho que a prefeitura, principalmente a prefeitura, ela tinha que dar um suporte a mais para a categoria. Tentar chegar nesses aplicativos, ir para cima dos aplicativos. Não faço mais aplicativo, porque para mim não compensa, mas a prefeitura tinha que ir para cima dos aplicativos. Tinha que cobrar os aplicativos para que eles pegassem esse grupo de motoboy que eles têm, trabalhando com eles, que carrega a empresa deles nas costas, e todo motorista que trabalha pelos aplicativos, carrega a empresa dele nas costas. Eles tinham que dar uma atenção para essa linha de frente, capacitar esses motoqueiros, capacitar a molecada nova, porque tem muita molecada nova hoje de moto. Completou 18 anos, tem sua motinha, eles vão para a rua para ganhar o dinheiro deles. Eles vão para a rua para poder dar uma ajuda dentro de casa, dar uma ajuda ao pai e à mãe, dá uma ajuda no dia a dia dele quando ele vai sair no final de semana. Usa a moto dele para sair no final de semana para trabalhar, mas sem experiência nenhuma. E isso tem causado morte no trânsito, tem causado acidente, lesão. Eu mesmo já socorri dois caras nesse curto período de tempo de moto que fiz os cursos, dois caras morreram na minha mão. Infelizmente, dois colegas meus de profissão morreram na minha mão. Por mais que tenha feito massagem cardíaca neles, eles não resistiram. Um saiu morto, o outro o Corpo de Bombeiro colocou na ambulância, levou para o hospital, mesmo assim levou, bem direto, morto. Acho que está faltando muito disso. Acho que os aplicativos tinham que dar um jeito tanto de aperfeiçoar a massa que está trabalhando com ele, como incluir um curso de primeiro socorro para a categoria. Se metade dos motofretistas hoje, metade dos motoqueiros tivesse um curso de primeiro socorro. Acho que aquele que tem que ver um acidente na rua, percebeu ali a pulsação do colega, por estar sem pulso, ele tinha que pelo menos saber fazer a massagem cardíaca, porque isso pode salvar vida e muitas vidas no trânsito. Não só de motoqueiro, como de um motorista que sofreu um infarto ali na hora, bateu o carro, ninguém sabe. Muitos hoje não sabem fazer a massagem. O último que socorri, olhei para um lado cheio de motor e falei, gente, estou cansado, preciso de alguém para me render aqui. Alguém sabe fazer RCP? Os caras, nenhum sabia. A prefeitura, os aplicativos têm que dar uma assistência para a gente, para a categoria. Acho que a categoria precisa muito dessa cobrança da prefeitura e dos órgãos competentes. Essa é a minha opinião, essa é a minha fala aqui. Peço a vocês que estão na linha de frente também, na alta categoria, cobrando os aplicativos, a prefeitura, o pessoal que faz os documentários também, vale a pena vocês que fazem esses documentários cobrarem isso e deixar isso em vídeo marcado. Deixar isso em vídeo marcado, porque a categoria precisa dessa atenção. É vida na rua que estão se perdendo, é colega da gente. Você sai de casa hoje, eu falo todo dia para a minha esposa e para a minha filha. Eu tenho uma filha especial, hoje, tem 17, vai fazer 18, ela tem um Down leve. Deixo ela todo dia ciente que quando saio de casa, falo, Deus abençoe vocês. Sei que estou saindo, mas não sei se volto. Porque não sou só eu que estou pilotando a moto, tem outros. estou no corredor ali, quantas fechadas já levei de carro. Às vezes o cara está pendurado no celular, fecha. Se a gente não está atento, sempre procuro estar atento. Mas se a gente não está atento, a gente vai para o chão. Só Deus sabe. Gente, agradeço a atenção. Deixo a palavra com vocês.

**02:00:37 Dawton Roberto Batista Gaia:** Eu que agradeço. Acho que o Erick, não sei se esqueceu de baixar a mão, levantou novamente.

**02:00:46 Erick:** Dawton, só complementando o que o Wagner falou. Tivemos um caso recentemente agora, do Ronen, da equipe R1, que foi acidentado no domingo dia 12, Dia das Mães. Foi pegar as sextas de café da manhã na BR e foi atropelado por um veículo que não parou, não socorreu, não fez nenhum, sabe, primeiros socorros. Quem socorreu foram as pessoas que havia chegado depois ali atrás dele e viram. Infelizmente, veio a óbito no local. Até hoje a gente não sabe quem foi, o cara fugiu do local e a gente está cobrando a justiça por causa disso. É assim, como Gringo, como outros também que já são de rua, são velhos de experiências de rua, a gente já enterrou muito amigo e a gente está cansado de enterrar amigo … vem acontecendo de incentivo, de correria, sabe? Aqueles valores que a gente sabe que não sustenta a nossa classe. Quando a gente fala de regulamentação, de valorização da categoria, a gente não quer ser colocado como um super-herói. A gente não quer só mostrar na televisão. A gente quer que isso chegue aos nossos, à nossa renda, ao nosso bolso, que a gente consiga fazer o serviço tranquilo e possa carregar aquela mercadoria em qualidade para que chegue no cliente sem ter que colocar o meu sangue em volta daquela caixa. Porque o que nós estamos vendo hoje acontecendo é isso. Os grandes profissionais, ou até mesmo os novos querendo fazer o serviço e, ao mesmo tempo o sangue no meio daquela caixa. Às vezes, você está recebendo uma mercadoria de outro motoboy que sofreu um acidente lá atrás e o outro supriu para poder entregar essa mercadoria no cliente. Até quando a gente vai passar por isso de, sabe,  várias coisas. Querendo ou não, o curso motofrete, eu já renovei ele 3 vezes, se não me engano, 3 ou foi 2 vezes. Aconselho a todos que, regularmente, façam o curso, aprendi no curso motofrete, primeiros socorros, igual ao Wagner falou. Aprendi que com o boné eu consigo imobilizar a junção aqui do pescoço de uma pessoa até chegar ao resgate. São coisas que são pequenas, mas são coisas que vai ajudar ali no momento de socorrer. Concordo com o Wagner, a gente tem que aprender coisas de primeiros socorros, sim, para a gente poder, às vezes, estar na rua e socorrer um amigo de classe,  ou qualquer outra pessoa. Salve a vida. Parabéns, pessoal.

**02:03:40 Dawton Roberto Batista Gaia:** Parabéns. Muito obrigado a todos. Queria agradecer ao Mauro pela apresentação, ao Yasuda, que está sempre junto conosco nas nossas câmaras temáticas. A todo esse grupo que veio trazer testemunhos, que são testemunhos verdadeiros e são sempre necessários na própria câmera temática. Para a gente conseguir botar o pé no chão o tempo inteiro. A gente olhe para a realidade e trate essa realidade como de fato ela é. Juntos buscar essas alternativas, porque é isso que nós temos que fazer.

**02:04:30 Dawton Roberto Batista Gaia:** Desta câmara temática saíram algumas propostas, com certeza vamos fazer os encaminhamentos dessas propostas e quem sabe a gente consegue melhorar toda essa questão, principalmente dos treinamentos e dos cursos que já tiveram aqui na CET e que a gente vai tentar resgatar. Gente, muito obrigado mais uma vez pela participação. Mauro, agradeço profundamente ao seu trabalho, a sua apresentação. Realmente foi muito bom. Venha, junte-se a nós aqui na nossa Câmara Temática e que a gente possa fazer o trabalho compartilhando todas as novas ideias e escutando. Como o Gringo falou, quem sabe um segundo capítulo, um segundo volume desse trabalho que você está fazendo, com novos testemunhos, com novas falas, quem sabe saia até uma proposta significativa de dentro desse trabalho. Muito obrigado mesmo e um bom dia a todos. Obrigado.

**02:05:45 Gringo presidente AMABR:** Obrigado a todos também. Parabéns, seu Yasuda, esqueci de falar também. Parabéns por tudo que vocês fazem. Agora vamos para cima. Boa tarde a todos.

**02:05:52 Dawton Roberto Batista Gaia:** Acho que o Wagner está com a mão levantada.

**02:05:54 Wagner:** Eu queria deixar só mais uma sugestão para o pessoal também. Seria bom também começar a pensar, principalmente o pessoal da prefeitura, o pessoal da CET, em abrir mais as portas para capacitação de instrutor do curso para poder abrir para as associações, entidades, poder captar um recurso e poder dar esse curso também. Eu digo isso pelo Gringo que tem a AMABR. Sou presidente hoje, eu estou com um instituto que estou montando. Penso futuramente em poder pegar um instrutor e começar a dar esses cursos em espaços privados para capacitar também esses motocas, através de outras associações competentes. Para isso, que se capacite nessa área, para que dê instruções e instrumentos para cada motoca poder entender melhor essa situação da lei do motofretismo.

**02:07:07 Dawton Roberto Batista Gaia:** Muito bem.

**02:07:08 Gringo presidente AMABR:** Valeu, obrigado.

**02:07:10 Orlando Fernandes:** Boa tarde a todos.

**02:07:11 Marcão:** Valeu, rapaziada.

**02:07:11 Erick:** Valeu a todos.

**02:07:12 Dawton Roberto Batista Gaia:** Então …

**02:07:13 Gringo presidente AMABR:** Deixa eu correr, que eu estou atrasado com outra reunião.

**02:07:18 Michele Perea Cavinato:** Yasuda, fala.

**02:07:19 Dawton Roberto Batista Gaia:** Só falar para essa pessoa que falou agora, em relação a instrutor, cursos de formação de motofretistas, existe uma legislação do DETRAN São Paulo, tem que procurar a Escola Pública de Trânsito para se cadastrar. Tem uma série de requisitos, não é impossível, mas tem que procurar o órgão que, na verdade, quem vai fazer essa capacitação não é a prefeitura, é o DETRAN de São Paulo. Caso Exista um interesse em fazer isso, procure a Escola Pública de Trânsito, que vai dar todas as informações para que você possa regularizar a atividade de fazer curso, viu, Gringo?

**02:08:06 Gringo presidente AMABR:** Valeu, seu Yasuda. Eu vou chamar a Gleice agora. Ela que está responsável agora no lugar da professora Rosana. Vou chamar ela aqui agora. Obrigado, viu?

**02:08:14 Wilson Yasuda:** Fala com ela, porque você já consegue dar essa informação para quem quer fazer esse trabalho. Tem uma série de exigências, mas é o DETRAN de São Paulo que faz a Prefeitura de São Paulo, está bom?

**02:08:26 Gringo presidente AMABR:** Para conseguir a gente tem que fazer com que, vamos lá. Valeu, Dalton, valeu, Michele, valeu, seu Yasuda, parabéns, Mauro, e toda a sua equipe, o pessoal da Mobil. Obrigado, valeu. Muito importante que vocês participarem.

**02:08:37 Michele Perea Cavinato:** Seu Yasuda, muito obrigada, muito obrigada. Obrigada pelas pautas por ter apresentado o Mauro para nós aqui.

**02:08:43 Dawton Roberto Batista Gaia:** Uma reunião muito rica, parabéns a todos. Foi ótima, foi ótima, realmente.

**02:09:12 Michele Perea Cavinato:** Eu compartilhei todos os contatos aqui, o seu com o Mauro, com o grupo e o deles com você.

**02:09:17 Jmontal:** Ótimo. Vai gerar frutos isso aqui.

**02:09:20 Dawton Roberto Batista Gaia:** Vai, tenho certeza, vai.

**02:09:22 Michele Perea Cavinato:** Vai ser excelente.

**02:09:24 Dawton Roberto Batista Gaia:** Um grande abraço a todos.